

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN  
BACHARELADO EM MODA**

**Luan Pimentel Zacanini**

**Incursões em National Anthem: videoclipe, figurino e moda**

Juiz de Fora

2025

**Luan Pimentel Zacanini**

**Incursões em National Anthem: videoclipe, figurino e moda**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabela Monken Velloso

Juiz de Fora

2025

Pimentel Zacanini, Luan.  
Incursões em National Anthem: videoclipe, figurino e moda / Luan  
Pimentel Zacanini. -- 2025.  
55 f. : il.

Orientadora: Isabela Monken Velloso  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2025.

1. Videoclipe. 2. Figurino. 3. Moda. 4. Lana Del Rey. 5. American  
Dream. I. Monken Velloso, Isabela, orient. II. Título.

**Luan Pimentel Zacanini**

**Incursões em National Anthem: videoclipe, figurino e moda**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Comissão Examinadora do Curso de Bacharelado em Moda, do Instituto de Artes e Design, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Aprovado em 14 de março de 2025.

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Isabela Monken Velloso – Orientadora  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Gabriela Andrade de Oliveira  
Universidade Federal de Juiz de Fora

---

Prof. Me. Luiz Fernando Ribeiro da Silva  
Universidade Federal de Juiz de Fora

## RESUMO

A presente pesquisa analisa as representações de personalidades e acontecimentos históricos, tanto na moda quanto na política estadunidense, explicitadas no videoclipe da música “National Anthem”, interpretada pela cantora norte-americana Lana Del Rey. O presente trabalho busca, através da análise fílmica do videoclipe, elucidar como Lana Del Rey e Anthony Mandler, juntos à sua equipe, foram capazes de traduzir a narrativa musical da canção de 2012 em vídeo, por meio da revisitação histórica. A pesquisa contempla também uma análise crítica interpretativa da produção e seu figurino e os possíveis diálogos com a década de 1960, no contexto norte-americano, que podem ser observados.

**Palavras-chave:** Lana Del Rey. Videoclipe. Análise.

## **ABSTRACT**

The present research examines the representations of personalities and historical events, both in fashion and American politics, as depicted in the music video for the song “National Anthem”, performed by the American singer Lana Del Rey. This study aims, through filmic analysis of the music video, to elucidate how Lana Del Rey and Anthony Mandler, along with their team, were able to translate the musical narrative of the 2012 song into video format through historical revisitation. The research also includes a critical interpretive analysis of the production and its costumes, as well as the potential dialogues with the 1960s in the American context that can be observed.

**Keywords:** Lana Del Rey. Videoclip. Analysis.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – videoclipe de <i>Like a Prayer</i> , de Madonna.....	18
Figura 2 – videoclipe de <i>This is America</i> , de Childish Gambino.....	19
Figura 3 – capas do álbum <i>Born to Die</i> e suas versões.....	21
Figura 4 – formato, texturas e cores em <i>National Anthem</i> .....	32
Figura 5 – o uso da cor branca no figurino de <i>National Anthem</i> .....	33
Figura 6 – <i>lens flare</i> .....	34
Figura 7 – destaque das emoções de Jackie.....	35
Figura 8 – mudanças no comportamento da personagem.....	36
Figura 9 – o vestido usado por Marilyn Monroe.....	38
Figura 10 – comparação entre o clipe e as gravações originais.....	39
Figura 11 – videoclipe em comparação com cenas reais da família.....	40
Figura 12 – figurino infantil.....	41
Figura 13 – comparativo figurinos de Jackie.....	42
Figura 14 – a metáfora em azul e vermelho.....	43
Figura 15 – o <i>tailleur</i> de Jacqueline Kennedy.....	45
Figura 16 – os bonés e óculos de John.....	46
Figura 17 – charutos e cigarros.....	47
Figura 18 – os acessórios.....	48
Figura 19 – as unhas da primeira dama.....	49
Figura 20 – demais acessórios.....	49

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2</b>	<b>MODA, FIGURINO E CENOGRAFIA.....</b>	<b>10</b>
2.1	TRAJE DE CENA E CENOGRAFIA: CONCEITOS NORTEADORES.....	12
<b>3</b>	<b>VIDEOCLIFE.....</b>	<b>15</b>
3.1	A DISTRIBUIÇÃO DO SABER: VIDEOCLIPES DESCONSTRUTORES.....	17
<b>4</b>	<b>LANA DEL REY: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM.....</b>	<b>20</b>
4.1	BIOGRAFIA E NARRATIVA: CONVERGÊNCIAS.....	23
4.2	O PATRIOTISMO E O AMERICAN DREAM.....	24
<b>5</b>	<b>NATIONAL ANTHEM: ANÁLISE INTERPRETATIVA.....</b>	<b>27</b>
5.1	O PLANO NARRATIVO.....	29
<b>5.1.1</b>	<b>A construção estética do vídeo.....</b>	<b>31</b>
5.2	ARTE, FIGURINO E CRÍTICA SOCIAL.....	37
<b>5.2.1</b>	<b>Vestindo a personagem: trajes e acessórios.....</b>	<b>46</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>51</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Criado com o objetivo primário de promover uma canção ou um artista, o videoclipe vai além e entrelaça a moda, o cinema, o figurino, a música e a cenografia no processo de desenvolvimento da narrativa imagética que muitas vezes ilustra a poesia da composição. Tratando-se de um trabalho que envolve o desenvolvimento de enredo, é substancial o cuidado com a construção de imagem durante a feitura de tal, para que aquilo que se vê esteja em consonância com aquilo que se escuta, e que a junção dos signos ocorra sem rebarbas, resultando numa obra coesa e inteligível. No entanto, não só dos já citados campos, como a moda e a cenografia, apropria-se o videoclipe na hora de sua construção. Ferramentas como a história, a política, a literatura, a arte e o romance, entre diversas outras, são úteis para a concepção desses projetos.

Um bom exemplo no qual as relações entre diversos campos se dão de forma majestosa é o videoclipe de “National Anthem” (2012), canção interpretada pela cantora norte-americana Lana Del Rey. A composição aborda temas como o romance, o glamour, o poder e o materialismo, substantivos diretamente associados à ideia de Sonho Americano, conceito da cultura estadunidense sobre ascensão social, que serve como base para a elaboração do videoclipe. Apoiado na história do cinema hollywoodiano e da política norte-americana, Anthony Mandler, diretor do videoclipe, é certo na forma com que usa os signos associados a tais momentos na elaboração do vídeo, criando uma rica narrativa através das imagens.

Tudo relacionado à National Anthem merece atenção, desde a letra da canção, sua narrativa, as ambientações, o casting, os figurinos, os acessórios, as cores, o formato da filmagem, até aquilo que fica implícito. Tomando como referência nomes como Charles S. Pierce, Roland Barthes e Lúcia Santaella, entre outros, tal pesquisa se desenvolve a partir de um olhar cuidadoso sobre as representações. Passando para a área do figurino e suas relações com a moda, estudiosos como Fausto Viana, Isabela Velloso e Rosane Muniz são utilizados como fontes de pesquisa e consulta, junto de nomes como Jacques Aumont e Michel Marie, autores relacionados ao campo do cinema.

É importante destacar que quase não há informações online sobre o videoclipe analisado, seu processo de concepção e produção, portanto, tal análise se dá a partir de um olhar ensaístico e particular sobre as representações nele presentes, tornando esta pesquisa mais complexa e singular. Outro ponto a ser ressaltado é que o videoclipe de Lana não deve

ser confundido com o filme dirigido por Luke Gilford, lançado em 2023 e que possui o mesmo título, ambos não possuem uma relação imediata e o presente trabalho contempla exclusivamente o videoclipe de 2012.

## 2 MODA, FIGURINO E CENOGRAFIA

*“Se a roupa de cena, qualquer que seja ela, é usada para uma manifestação artística em qualquer nível, ela também é arte.”*

*Fausto Viana e Isabela Velloso (2019, p.11)*

Afinal, o que se considera moda e o que se considera figurino? E qual é, se é que ela existe, a relação entre os dois? Essa interação aparenta-se embaraçosa, mas, após breves leituras e estudos, mostra-se mais clara e capaz de ser compreendida. É o que se pretende fazer na primeira parte deste trabalho, tornar as singularidades da moda, do figurino e da cenografia compreensíveis.

Segundo Gilles Lipovetsky (2016), a moda é fenômeno social que transcende o vestuário, é o resultado do processo democratizador e individualizador que teve início no final da Idade Média e só se consolidou no período moderno, quando ela perdeu as características antes observadas nas cortes e deixou de ser ícone de poder e status dentro das camadas da monarquia, tornando-se estimulador da diversidade e da busca pelo individual nas camadas menos abastadas. A moda é um fenômeno que possui relação direta com a “cultura do efêmero”, ou seja, a cultura consumista das sociedades contemporâneas onde o novo é sempre valorizado.

O figurino, entretanto, não é sinônimo de moda. Segundo Fausto Viana, o traje de cena é elemento criativo que carrega símbolos, significados e informações, conceitos medulares para o desenvolvimento da linguagem estética de uma obra. Ele é ferramenta que auxilia na concretude visual da narrativa, evento possível de ser observado em períodos da pré-história:

Ao usar as peles dos animais capturados e máscaras que representavam seus espíritos, o homem praticava um ato teatral. Ao endossá-los, ele não só ativava sua força, como também, por um espaço de tempo, incorporava os próprios animais e passava a representá-los. (Perito e Rech, 2020, p.01).

Saltando ao século XIX, José Maria Paz Gago (2016, p.87) diz que: “a cena teatral será espaço da moda, tanto dentro como fora dos palcos”, fazendo menção às roupas utilizadas na época para ir ao teatro e o uso das atrizes para a difusão do trabalho dos *cuturiers*. Moda e teatro, ainda que diversos, sempre estiveram juntos e dessa união nasce o traje de cena. As relações entre figurino e moda são fundamentais para o desenvolvimento de enredo e possuem significativa relevância na construção das personagens.

Os signos comunicam e, sendo assim, “a moda é semiótica por excelência” (Santaella, 2016, p.10). O figurino, junto da cenografia, permite que o espectador capte diversas informações antes mesmo que o ator comece a interpretar o texto. A roupa, nesse contexto, fica incumbida de exprimir aspectos como o local e a época em que a história acontece, a classe social da personagem, que tipo de trabalho ela exerce, seu estado civil, seu sexo, sua idade, entre diversos outros elementos.

O traje cênico adquire “função espaço-temporal” (Perito e Rech, 2020, p.3), ele oferece informações que, uma vez intrínsecas nele, dispensam sua transcrição no roteiro do espetáculo. Tal traje auxilia para que a “transmutação do corpo físico do ator em personagem” (Perito e Rech, 2020, p.4) aconteça, para que a construção dessa persona pelo intérprete seja mais atingível. Sendo assim, no teatro o figurino tem uma função específica: “a de contribuir para a elaboração do personagem pelo ator e constituir, também, um conjunto de formas e cores que intervêm no espaço do espetáculo e devem, portanto, integrar-se a ele” (Perito e Rech apud Roubine, 1998). Dessa maneira percebemos que “não há uma cena sem trajes” (Viana e Velloso, 2019, p.11), traje esse que, como diz Ghisleri (apud Perito e Rech, 2012), “estabelece um elo de significação entre o personagem e o contexto do espetáculo” e que uma vez transportado para o palco “passa a ser o invólucro do corpo do performer, o que permite uma leitura completamente diferenciada dele na nova condição de objeto que faz parte de um evento de arte” (Viana e Velloso, 2019, p.11). A moda veste o ator e o figurino veste a personagem.

Seguindo a linha dos fazeres que são primordiais para a concepção do espetáculo, temos a cenografia. Assim como o figurino, a cenografia possui importância substancial na tradução imagética do texto e juntos eles carregam o propósito de “garantir a coerência visual da imagem cênica” (Perito e Reich, 2020, p. 06). A representação de um espaço no palco ou no vídeo pode ser erroneamente compreendida como apenas uma tentativa de insinuação do real, porém, como diz Rossini (2012), “ela não está limitada à substituição de um original: ela é também um elemento narrativo, que ampara a situar espacial e temporalmente o tema abordado pelo texto”. O cenário é integrante medular na feitura do espetáculo, ele emoldura a narrativa vestindo-a com o figurino.

A relação entre figurino e cenografia é a responsável pela construção do ambiente do espetáculo através da combinação e comunicação dos signos visuais, logo, na produção visual da narrativa “deve-se preocupar com o que produz efeito a distância” (Perito e Rech, 2020, p.3). É fundamental atentar-se para como o todo é enxergado pelo espectador, como esse todo

é apreendido a partir do local daquele que assiste e como o primeiro contato com a imagem se desenvolve. Pensar em como o resultado da combinação desses signos visuais opera é vital para que se tenha um espetáculo bem construído e bem comunicado, afinal “não há comunicação sem signos” (Santaella, 2016, p. 10). O todo dinâmico que resulta da combinação de todos os artifícios já comentados é o que estrutura o espetáculo, o que dá sentido a ele e torna-o concreto dentro de sua realidade.

## 2.1 TRAJE DE CENA E CENOGRAFIA: CONCEITOS NORTEADORES

Há quem diga que identificar em um espetáculo teatral aquilo que é chamado de cenografia, ou também o traje de cena utilizado no desenvolvimento da trama sejam ações fáceis para todo e qualquer espectador. Embora exista essa crença, a dificuldade de identificar e apontar tais fazeres logra surgir no momento em que o sustentáculo da trama deixa de ser o palco do teatro e passa a ser o cinema, a televisão, o videoclipe e etc. Indiferentemente do suporte sobre o qual a trama se desenvolve, o traje de cena sempre estará presente, afinal “toda cena em que um ator estiver portando um traje vai ter um traje de cena” (Viana e Pereira, 2015, p. 06).

É possível observar o surgimento do traje de cena por volta do ano 500 antes de cristo, nas condições do teatro ocidental, enquanto a moda se estabelece já por volta do ano 1300, a partir do fim da Idade Média, no século XIV. Portanto, como já visto no capítulo anterior, mesmo que moda e traje de cena se relacionem constantemente, eles não são a mesma coisa e não devem ser confundidos:

*Traje de cena não é moda, ainda que possa representá-la quando necessário. Quando a moda sobe ao palco teatral, torna-se traje de cena. Quando o traje de cena sai às ruas em uso social, há nitidamente uma inversão dos seus valores ritualísticos e artísticos. (Viana e Velloso, 2018, p. 09).*

Diferentemente da moda, das roupas do dia a dia, o figurino não é algo meramente casual nem espontâneo, a roupa da personagem é cuidadosamente pensada para exercer funções específicas dentro da narrativa.

Uma cena, seja ela teatral ou cinematográfica, é criada a fim de contar algo, transmitir ideias e despertar emoções. Ainda que essa cena seja uma reconstrução de um momento real, ela não representa justamente a realidade, mas sim uma interpretação dela, o que acontece na revisitação histórica, um artifício muito utilizado em diversas produções audiovisuais para a

construção de enredo, como por exemplo, nos videoclipes das músicas “Material Girl” (1985), “National Anthem” (2012), “Hey Hey Hey” (2017), “Candy Necklace” (2023), entre diversos outros.

O processo de feitura de produções audiovisuais, principalmente daquelas que visitam e reinterpretem o passado, implica em cuidadosas pesquisas pré-desenvolvimento de tudo o que as compõem, como o traje de cena e a cenografia. Mesmo que a reconstrução exata de um período não seja o objetivo principal, é pertinente que os signos utilizados no processo se relacionem de forma coesa com aqueles tomados como inspiração. É importante que fique claro que, nessas situações, o “falso passado”<sup>1</sup> é apenas um recurso narrativo e que não há a intenção de distorcer, idealizar ou até mesmo fabricar inverdades sobre a história real tomada como centelha.

Tal como já visto sobre o traje de cena, a cenografia não é meramente casual, ela também possui funções substanciais na estruturação visual da narrativa e deve ser igualmente pensada, isso diz respeito tanto ao cenário construído exclusivamente para uma produção, quanto ao uso de espaços já existentes. A cenografia também não está apenas no teatro, como dizem Viana e Pereira (2015, p.24), ela é uma arte que está na dança, na performance, nos meios audiovisuais, nos desfiles de moda, nos museus e etc., assim, o profissional responsável por essa área – comumente chamado de cenógrafo – não trabalha sozinho, mas sim em conjunto com os demais profissionais envolvidos na produção, a fim de atingirem o melhor resultado possível.

A cenografia é a arte que ambienta, localiza e dá suporte à história, ela não está apenas relacionada com os fatores estéticos, mas também estabelece contexto, gera engajamento com o espectador, fornece a imersão dos atores, define a trajetória física das personagens e estende a narrativa através de seus simbolismos semióticos. O cenário, assim como o figurino, carrega mensagens que ampliam a narrativa, usando o visual para interpretar e, de certa maneira, até mesmo traduzir aquilo que o texto diz. No audiovisual, mestre é aquele que domina a semiótica e compreende o poder e as variadas funções que os signos desempenham na estruturação plástica do enredo.

Para ter uma produção bem feita, é importante “compreender as necessidades técnicas, práticas e simbólicas da criação” (Viana e Pereira, 2015, p.24). É preciso que aqueles envolvidos entendam do que se trata o trabalho a ser desenvolvido, que saibam se comunicar

---

<sup>1</sup> Relacionado com o termo “falso histórico”, utilizado na esfera de conservação do patrimônio, quando, durante o processo de restauração, algo é recriado a fim de imitar fielmente aquilo que já não existe mais, de maneira a iludir aquele que vê, não deixando claro o que é original e o que é fruto da restauração.

e trabalhar em equipe, para que traje de cena, maquiagem, caracterização, cenografia, iluminação, som, direção, produção e elenco estejam todos em harmonia e o resultado dessa interação seja algo primoroso que atenda às necessidades e cumpra as expectativas estabelecidas no início do processo.

### 3 VIDEOCLÍPE

Diferente da forma com que música e imagem se encontram no cinema, no campo do videoclipe essa relação mostra-se como a ferramenta usada para difundir o trabalho dos cantores e propagar os seus lançamentos musicais, podendo inicialmente relacionar-se apenas com questões mercadológicas e de marketing. Apesar da função primordial ser a de divulgação desses trabalhos, com o passar do tempo o videoclipe evolui e invade outras áreas, como a da experimentação artística, por exemplo, que atualmente pode ser considerada como um dos principais objetivos dessas produções.

Em seu texto, Laura Josani (2007) argumenta que o termo videoclipe passou a ser utilizado apenas na década de 1980 e que a característica mais marcante do campo antes deste período era a velocidade extrema das imagens, que não tinham necessariamente o compromisso de contar uma história com começo, meio e fim. A intenção era apenas vender a imagem do artista e de seu trabalho, o que dispensava o compromisso com o *storytelling*<sup>2</sup> da produção e ignorava o potencial de espaço para experimentações artísticas como vemos hoje.

A popularização dos videoclipes para além de uma ferramenta meramente mercadológica é frequentemente atribuída a um artista em específico: Michael Jackson (1958 – 2009). O artista norte-americano foi um dos primeiros a desprender o videoclipe da ideia de uma simples sequência de imagens “pinçadas, recortadas”, como diz Soares, e atribuir a ele o desenvolvimento de enredo, o que é facilmente percebido em trabalhos como “Thriller” (1982) e “Bad” (1987). Esse momento do início de experimentações em videoclipes também deve ser creditado à ascensão da MTV, canal de TV lançado nos Estados-Unidos em 1º de agosto de 1981, criado para a promoção da indústria musical. Este fato influenciou diretamente no aumento da dedicação dos artistas ao desenvolvimento de videoclipes, que neste momento tinham um local exclusivamente a eles dedicado, muito antes do surgimento da internet e de plataformas como o YouTube, por exemplo.

Com o progresso da MTV, a produção de videoclipes aumentou exponencialmente, uma vez que agora com um espaço próprio para exibição, tais produções não possuíam mais a necessidade de servirem apenas como uma propaganda da música, que era exibida nos canais de tv entre uma programação e outra. Isso aumentou a importância dada aos vídeos

---

<sup>2</sup> Storytelling é a arte de contar, desenvolver e adaptar histórias utilizando elementos específicos — personagem, ambiente, conflito e uma mensagem — em eventos com começo, meio e fim, para transmitir uma mensagem de forma inesquecível ao conectar-se com o leitor no nível emocional. Para isso, usa elementos narrativos visando engajar, informar ou persuadir o público.

desenvolvidos para as canções, o que culminou, em 1984, na criação do VMA (Video Music Awards), premiação criada pela MTV que elegia os melhores videoclipes do ano em diferentes categorias, como “melhor novo artista”, “melhor direção de arte em vídeo”, “melhor conceito em vídeo”, entre diversas outras, e que segue viva até os dias atuais.

Tendo a parcela da obrigatoriedade de difundir e “vender” a música já garantidas graças ao espaço único que a MTV proporcionava ao trabalho dos artistas, estes passaram a se preocupar menos com questões exclusivamente mercadológicas e iniciaram o processo de diversificação das maneiras de se fazer videoclipes. Instigados pelo reconhecimento dado aos seus trabalhos pelo VMA, os cantores passaram a investir em suas produções e migraram para o campo das experimentações artísticas. Apesar de não ser uma obrigatoriedade que o videoclipe tenha relação direta com a letra da canção, muitos artistas veem o campo como uma extensão que pode ser utilizada para conferir à música mais sentido e torná-la mais compreensível e identificável para seus fãs.

Esse processo de evolução sofrido pelo campo do videoclipe é o que confere a ele o hibridismo visto hoje nessas produções audiovisuais. Videoclipe é hoje uma grande junção de outros campos como a moda, o cinema, a história, o figurino, a tecnologia e a música, que se relacionam de forma a atingir um objetivo em comum: o de criar uma narrativa imagética que acompanhe a sonoridade da canção, mas que não possui a obrigatoriedade de ser a tradução explícita da letra para a imagem. Thiago Soares argumenta muito bem sobre esta questão quando diz:

Uma abordagem historiográfica do videoclipe tem a função de atestar que a especificidade da linguagem do vídeo talvez seja não ter especificidade. Em outras palavras: se é possível estabilizar a dinâmica das articulações na criação a partir do vídeo, este sustentáculo é o do hibridismo. (Soares, 2004, p.12).

Videoclipe é um fenômeno cultural que transcende a temporalidade e proporciona o cruzamento do banal com o erudito, do acadêmico com o cotidiano, do arcaico com o tecnológico, do conservadorismo com a vanguarda e da tradição com a contemporaneidade. É, atualmente, ferramenta que vai além da preocupação com a performance numérica e mercadológica da canção, e admite papel de estruturação do pensamento, influenciando o comportamento do público e produzindo sentimento de identificação e pertencimento naqueles que o consomem.

### 3.1 A DISTRIBUIÇÃO DO SABER: VIDEOCLIPES DESCONSTRUTORES

No cinema, a ordem e o ritmo em que a narrativa distribui os fatos ao espectador é diferente entre cada produção. Como por exemplo, existem diversas formas de contar um homicídio: o filme pode começar diretamente com a cena do assassinato, ou então, começar com a descoberta do corpo pelos detetives e etc. Indiferente desse quebra-cabeça formar ou não uma imagem completa uma vez acabado, a arte da narrativa consiste em apresentar as peças em certa ordem e certo ritmo: é a distribuição do saber (Laurent e Marie, 2009, p.62). Cada maneira de distribuir o saber na narrativa coloca o interator em condições diferentes em relação às personagens, como quando um filme começa com a cena do assassinato, o espectador está em uma posição de vantagem em relação ao detetive por já ter apreendido como tal acontecimento se sucedeu.

Esse conceito transcende o cinema e pode ser atribuído a diferentes modelos do audiovisual, como ao teatro, às novelas, às séries de TV e também, é claro, ao videoclipe. Todo tipo de narrativa envolve uma forma e um ritmo próprio de distribuir o saber que compõe o enredo de determinada história e, no caso do que aqui chamaremos de “videoclipes desconstrutores”, essa distribuição acontece de maneira a romper com as convenções tradicionais de estrutura, estética e da própria narrativa dos videoclipes. Como uma de suas características centrais, os videoclipes desconstrutores permitem diversos níveis de interpretação.

A ideia de desconstrução, primeira cunhada pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida (1930-2004), não propunha a “destruição” das ideias e dos conceitos já existentes e amplamente difundidos, mas sim um desmembramento dessas ideias a fim de demonstrar as contradições internas nelas presentes. Derrida buscava denotar como as estruturas da comunicação, da linguagem e do pensamento possuem instabilidades e não são unânimes, o que é possível observar na construção de videoclipes como, por exemplo, “Like a Prayer” (1989), de Madonna e “This is America” (2018), de Childish Gambino.

Em “Like a Prayer” (1989), dirigido por Mary Lambert, as imagens rompem com as normativas tradicionais ao misturarem elementos sociais, religiosos e políticos de forma provocativa, e a não linearidade da narrativa, junto da sobreposição de temas espirituais, religiosos e de raça, desafiam e instigam o espectador no processo de interpretação do que está sendo visto. A história (Figura 01) mostra a artista como a testemunha de um crime e sua

inquietação diante da prisão injusta de um homem negro levado como culpado. A maior parte do clipe se passa em uma igreja, representando a dualidade entre o religioso e moral.

Figura 01 - videoclipe de *Like a Prayer*, de Madonna



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

As cenas mostram Madonna ajoelhada, pedindo por justiça. O homem preso se transforma em um santo que ganha vida e beija a artista dentro da igreja, sugerindo a contradição entre fé, renúncia e o desejo carnal. O vestido justo e decotado usado pela cantora representa a sensualidade e provocação, o que contrasta com os signos religiosos observados nela, como o crucifixo no pescoço e as feridas na mão, referenciando os estigmas de Jesus e sugerindo o sacrifício, sofrimento e devoção. Já as cruzes em chamas, representam os atos de racismo da Ku Klux Klan<sup>3</sup> e a hipocrisia da igreja católica.

Em “This is America” (2018), dirigido por Hiro Murai, a forma fragmentada e até mesmo caótica de distribuir o saber, conversa diretamente com a crítica feita pela canção. Childish Gambino é um artista norte-americano multifacetado cujo trabalho é marcado por questões raciais: desde suas músicas, seus roteiros, direções, até suas atuações contam com críticas ao racismo. No videoclipe de 2018 em questão (Figura 02), a mistura das cenas de violência e anarquia, em contraste com a coreografia, deixam o espectador desorientado e figuram os conflitos da sociedade norte-americana.

<sup>3</sup> “Uma sociedade secreta que nasceu como um subproduto da Guerra Civil Americana (1861-1865), iniciada pelos estados do sul do país, inconformados com o fim da escravidão.” O objetivo principal era perseguir os negros e impedir a ascensão dos escravos recém libertos.

Figura 02 - videoclipe de *This is America*, de Childish Gambino



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

O videoclipe foi lançado em um momento delicado para os Estados Unidos: o país enfrentava uma epidemia da violência armada, com tiroteios em massa acontecendo por todo o território. O enredo conta com cenas de violência explícita que figuram tais tiroteios e reforçam a problemática da política de armamento norte-americana, utilizando a imagem de jovens estudantes uniformizados para reforçar a perversidade desses atos contra inocentes. A contraposição de corpos negros sendo baleados com danças virais reforça a urgência das questões raciais no país e evidenciam a maneira com que facilmente a sociedade é distraída de tais questões através do entretenimento, ideia também representada pelas cenas onde pessoas são vistas gravando os atos de violência com seus celulares. A imagem de Gambino sem camisa e usando calças curtas pode ser interpretada como referência ao período de escravidão vivido pelo país e à desumanização de corpos negros.

Nos videoclipes mencionados, e em diversos outros, é possível observar como a desconstrução não é utilizada meramente de maneira estilística, mas também como uma forma de protesto contra certos discursos e de incentivo ao pensamento crítico do espectador. Os videoclipes desconstrutores ampliam a forma como o audiovisual pode ser percebido, tornando-o um objeto de estudo ainda mais profundo e cada vez mais interligado com questões artísticas, sociais, culturais e políticas. Tais produções refletem a ampla mudança cultural vivida nos dias atuais num mundo mediado por dinâmicas de comunicação cada vez mais fragmentadas e urgentes.

#### 4 LANA DEL REY: A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM

Elizabeth Woolridge Grant, nascida em Nova Iorque no ano de 1985, é cantora, compositora e poetisa, que sob o pseudônimo de Lana Del Rey, tornou-se uma das maiores artistas do pop-alternativo do mundo, contabilizando um total de mais de 58 milhões de ouvintes mensais no serviço de *streaming* Spotify. Os nove álbuns de estúdio lançados pela cantora, até o presente momento, renderam-na 11 indicações ao Grammy Awards<sup>4</sup>, em categorias como “Álbum do ano”, “Música do ano” e “Melhor álbum alternativo”, entre outras categorias, além de indicações em demais premiações tão prestigiadas no meio musical.

Criada em Lake Placid, uma pequena vila localizada no estado de Nova Iorque conhecida por suas belas paisagens naturais, Lana teve uma vida simples, porém relativamente conturbada devido a separação dos pais e problemas com sua mãe. Mudou-se para a capital do estado aos 18 anos, idade em que começou a compor e, ainda vivendo na metrópole Nova Iorquina, a artista formou-se em um ramo da filosofia conhecido como metafísica, pela Fordham University, o que justifica a profundidade e complexidade de suas composições. A trajetória de Del Rey escrevendo canções renderam-lhe algumas importantes atribuições, como a de “artista da década”, em 2021, pela Variety Hitmakers Awards, e a de “melhor compositora do século XXI”, no ano de 2023, pela revista britânica Rolling Stone.

A carreira de Lana como cantora iniciou quando, aos 21 anos, a artista começou a apresentar-se em bares espalhados pela cidade de Nova Iorque. Antes de se tornar Lana Del Rey, Elizabeth adotou outros nomes artísticos como: May Jailer, Sparkle Jump Rope Queen, Lizzy Grant e Lana Del Ray. Em 2007, Lana assinou seu primeiro contrato com uma gravadora, a 5 Points Records, mas a parceria durou apenas até o ano de 2010 e, já em 2011, a artista assinou um novo contrato em parceria com as gravadoras Interscope, Polydor e Strange Records.

O real sucesso de Del Rey só teve início em 2012, com o lançamento de seu segundo álbum de estúdio, intitulado “Born to Die” (Figura 03). A capa do álbum mostra Lana olhando diretamente para a câmera, com o semblante sério e cabelo ondulado na altura dos ombros, vestindo uma camisa branca semitransparente que deixa seu sutiã vermelho perceptível,

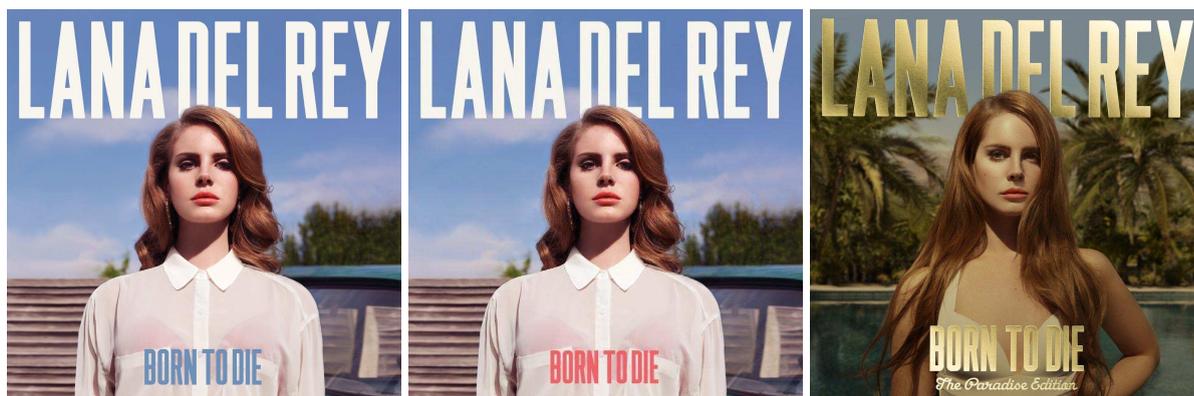
---

<sup>4</sup> Grammy Award (inicialmente denominada de Gramophone Awards) é uma cerimônia de premiação da "Academia Nacional de Artes e Ciências de Gravação" (do inglês The Recording Academy of Recording Arts and Sciences - NARAS) dos Estados Unidos, que presenteia anualmente os profissionais da indústria musical com o prêmio Grammy, em reconhecimento à excelência do trabalho e conquistas na arte de produção musical e, provendo suporte à comunidade da indústria musical.

conferindo à imagem uma certa parcela de sensualidade. As letras maiúsculas nas cores brancas e azuis contrastando com o fundo trazem um ar de elegância e sobriedade para a imagem.

O álbum ainda ganhou uma versão *deluxe*, cuja capa é quase idêntica a versão normal, sendo a única diferença a cor vermelha utilizada no título do álbum, representando a paixão, a tragédia e intensificando a sensualidade já apreendida pela cor do sutiã. O projeto recebeu também outra versão especial, intitulada "Born to Die: The Paradise Edition". A capa dessa versão traz, mais uma vez, Lana ao centro olhando diretamente para a câmera, com seu olhar sério e melancólico, o que reflete a introspectividade do álbum. Dessa vez, Del Rey aparece com os cabelos lisos e longos, vestindo um maiô branco, posando na frente de um fundo tropical e paradisíaco, evocando a dualidade entre inocência e perversidade. A tipografia clássica em tons de dourado, junto das cores sóbrias e quentes do cenário, confere à imagem uma atmosfera luxuosa e nostálgica que remete ao glamour hollywoodiano diretamente ligado ao tema do álbum.

Figura 03 - capas do álbum *Born to Die* e suas versões



Fonte: spotify.com, 2025. Imagens capturadas da Internet

Ao todo o trabalho contou com seis *singles*, sendo eles: “Video Games”, “Born to Die”, “Blue Jeans”, “Summertime Sadness”, “National Anthem” e “Dark Paradise”. O single promocional “Video Games” (2012) teve uma exponencial e rápida ascensão em diversas esferas da internet, o que fez com que o álbum estreasse na segunda posição da *Billboard 200* americana, uma importante parada musical que classifica os álbuns e EPs<sup>5</sup> de acordo com os seus números de venda. Naquele ano, Lana teve o quinto álbum mais vendido dos Estados Unidos e consagrou-se como uma das artistas mais singulares da cultura pop contemporânea.

<sup>5</sup> Sigla para “extended play” que traduz como “gravação musical estendida”. Formato mais simplificado do que um álbum propriamente dito, com menos faixas e que é geralmente lançado apenas nas plataformas digitais.

A sonoridade de “Born to Die” (2012) era a mesma que Lana já tinha demonstrado em seus trabalhos anteriores e que não era tão comum na indústria musical. Com a estética cinematográfica e instrumentação orquestral, o álbum tinha em suas letras uma miscelânea de tragédia, melancolia, glamour e romance, expressados através de ritmos que misturavam o pop, hip-hop e indie, o que conferia a Del Rey sua singularidade e a destacava entre os demais lançamentos que ocorriam na época.

Desde o início da carreira, Lana carrega consigo signos muito fortes que moldaram a visualidade de seu trabalho e são a soma de uma variedade de inspirações e referências. A estética associada à época de ouro da *old-hollywood* é o pilar de sua obra e as personalidades do cinema clássico, da música e da cultura norte-americana dos anos 1950 e 1960 são sempre mencionados em suas criações. Referências feitas a diretores como David Lynch (1946-2025) e Stanley Kubrick (1928-1999) são facilmente identificadas em canções que até levam o mesmo nome de seus filmes, como “Blue Velvet” (2012) e “Lolita” (2012), ambas presentes no álbum “Born to Die” (2012).

Aliada a isso, a paixão de Lana por literatura e suas referências dos estudos da filosofia também marcam presença em suas composições. A feminilidade e melancolia de Sylvia Plath (1932-1963), o glamour e fascínio pelo sonho americano de F. Scott Fitzgerald (1896-1940) e o amor proibido de Vladimir Nabokov (1899-1977) são espontaneamente percebidos em produções como “hope is a dangerous thing for a woman like me to have - but I have it” (2019), “National Anthem” (2012), “Young and Beautiful” (2013), “Off to the Races” (2012) e “Lolita” (2012), entre diversas outras que compõem a discografia da artista.

Ao evocar um universo nostálgico e atemporal, Lana Del Rey vem cultivando uma identidade artística única, que mescla referências históricas, cinematográficas, políticas e artísticas. O cuidado com a construção de sua imagem vai desde penteados volumosos, vestidos vintage, acessórios retrô e maquiagens clássicas, até seu comportamento, com a fala e o olhar melancólico, reforçando a estética anacrônica da artista. Com sua abordagem performática, Lana lança questionamentos sobre os limites entre a realidade e a ficção, construindo um universo estético e significativo ao seu redor, o que torna sua imagem ainda mais fascinante para o público.

A dualidade entre indivíduo e persona gera discussões em torno da autenticidade dos trabalhos de artistas contemporâneos e como a imagem pública deles reflete diretamente na maneira com que o público os recebe e os interpreta. Isso caminha desde a estética por eles desenvolvida, a maneira de se comportarem, até os discursos por eles defendidos. A relação

Elizabeth Grant e Lana Del Rey é um exemplo de excelência no fazer artístico, onde vida pessoal e enredo, experiências e inspirações, opiniões e fatos resultaram na criação do ícone da cultura pop-indie que a artista é nos dias atuais, com uma carreira admirada por sua estabilidade e singularidade.

#### 4.1 BIOGRAFIA E NARRATIVA: CONVERGÊNCIAS

Dentre os assuntos mais comentados sobre a carreira de Lana Del Rey está a relação entre a vida real da cantora e sua identidade artística. O nome de palco utilizado por ela para a construção de sua imagem evoca uma persona onírica, e a influência do *film noir*<sup>6</sup> sobre sua figura a levam para um mundo surrealista. O mistério cultivado por Lana desde o início de sua carreira em torno de sua identidade resulta num trabalho híbrido, que embarça a habilidade daqueles que a acompanham de discernir o que são elementos de sua vida real e o que são referenciais narrativos tomados como sustentáculo. A história de vida da cantora e as narrativas observadas em suas composições convergem constantemente e, em muitos momentos, revelam uma obra quase que auto biográfica.

A discografia de Lana é capaz de, ao mesmo tempo, soar profundamente intrínseca enquanto cria um universo fictício inspirado nas esferas do teatro e do cinema. Em entrevistas, a artista afirma que a fusão entre realidade e ficção observadas em seus trabalhos é proposital: “Não se tratava de nada além de sobreviver e tentar adicionar um pouco de glamour e uma explicação de como eu planejava superar algumas das coisas sobre as quais eu cantava”, disse Lana sobre seu álbum “Ultraviolence” (2014), em entrevista a Hannah Ewens, jornalista da revista britânica Rolling Stones, na edição de março/abril de 2023.

Os ícones da indústria da música admirados por Del Rey vão de Nina Simone (1933-2003), Elvis Presley (1935-1977) e Billie Holiday (1915-1959), a Amy Winehouse (1983-2011), Axl Rose e Kurt Cobain (1967-1994), artistas que são considerados substanciais aos gêneros musicais que pertencem. A trajetória de tais artistas e suas vidas pessoais também exercem papéis importantes no desenvolvimento dos enredos criados por Lana, que no início de sua carreira foi chamada de “Nancy Sinatra gangster”<sup>7</sup>. A junção desses diferentes ritmos e estilos é uma das peças que conferem ao trabalho da cantora sua sonoridade particular.

---

<sup>6</sup> Gênero cinematográfico que surgiu na década de 1940 nos Estados Unidos. Suas características incluem temas pessimistas, visualidade sombria, narrativas ambíguas e complexas. A não linearidade das estruturas narrativas e os protagonistas anti-heróis, sedutores e perigosos também são características que se destacam no gênero.

<sup>7</sup> Faz referência a uma versão misteriosa, perigosa e fatal da cantora e atriz norte-americana Nancy Sinatra, filha de Frank Sinatra (1915-1998), muito conhecida por sua feminilidade sofisticada e sua voz doce e sensual.

Toda a trajetória da carreira de Del Rey e seu processo de ascensão refletem em temas abordados de maneira recorrente em sua obra, como o romance trágico, as conturbadas relações familiares, a busca pela fama e o anseio de pertencimento. A jornada pessoal da artista é usada em suas criações como uma metáfora para o desejo de se reinventar e o empenho de atingir um ideal muitas vezes inalcançável. Os trabalhos de Lana evidenciam as contradições de um dos principais temas que permeiam sua obra: o “american dream”. A artista é capaz de mesclar a idealização que ronda tal conceito com críticas e sátiras sobre sua fragilidade, de maneira cinematográfica e única.

Dessa maneira, difícil é identificar o que é real, provindo de experiências pessoais, e o que é ficção no trabalho de Lana, uma vez que nem a própria artista o faz. A intenção da cantora sempre foi manter o mistério em torno dessa questão, o que a torna uma das figuras mais enigmáticas da cultura pop. Ultrapassando as fronteiras entre o simbólico e o pessoal, Del Rey fez de sua imagem um mito contemporâneo que representa a dualidade entre desejo e realidade, entre o onírico e o palpável, entre o frágil e o fatal.

#### 4.2 O PATRIOTISMO E O AMERICAN DREAM

*“Por outro lado, simplesmente ter um sonho tem sustentado e até salvado vidas que, de outra forma, poderiam ser consideradas sem valor.” Jim Cullen (2003, p. 07).*

Criado pelo historiador americano James Truslow Adams (1878-1949), o termo “American Dream” primeiro apareceu em seu livro “The Epic of America” (1931) e faz referência ao ideal de ascensão social que os colonizadores europeus carregavam ao chegar na América do Norte. Eles enxergavam a chegada ao novo mundo como uma espécie de “salvação”, uma chance de recomeçarem e, dessa vez, fazerem seus objetivos e sonhos se tornarem realidade, tendo assim uma vida melhor. Logo no epílogo de seu livro, James descreve o termo como o “sonho de uma terra onde a vida deveria ser melhor, mais rica e mais plena para todos” (Cullen apud. Adams, p. 07), o que pode soar apenas como um desejo otimista para o futuro, mas onde também se esconde uma parcela de perversidade.

O que começou através da ideia de expansão para o oeste com o objetivo de que todos pudessem prosperar e possuir suas próprias terras, com o passar do tempo se transformou na busca pela fama e o acúmulo de riquezas. Cullen (p. 07) argumenta que “o sonho americano” não existe, mas sim numerosos sonhos americanos, cada um com suas particularidades.

Apesar de não haver uma unanimidade dos ideais e metas atribuídos ao conceito, o objetivo final é sim o mesmo: prosperar. Seja através de transformações religiosas, reformas políticas, melhorias na educação, evoluções nas relações de gênero, entre diversas outras idealizações.

A relação entre o patriotismo americano e o conceito do *american dream* se dá no pensamento de que os Estados Unidos é a terra das oportunidades, o lugar ideal para que, através da determinação, disciplina e do trabalho árduo, qualquer pessoa possa alcançar seus objetivos e ser verdadeiramente feliz. No pensamento popular, o sonho americano é visto como algo que deve ser protegido, assim como a nação, o que agrega ainda mais força a essa relação. Tais princípios foram reforçados com a Declaração da Independência, escrita em 1776 por Thomas Jefferson, que já no início do segundo parágrafo dizia:

Consideramos estas verdades como evidentes por si mesmas, que todos os homens são criados iguais, dotados pelo seu Criador de certos direitos inalienáveis, que entre estes estão a Vida, a Liberdade e a busca da Felicidade. (Cullen apud Jefferson, 2003, p. 38).

O que em inglês é chamado de “*Persuit of Happiness*”<sup>8</sup> talvez seja o ponto principal do conceito de sonho americano. Como dito antes, o sonho se ramifica em diversas direções, mas o objetivo é sempre o mesmo: prosperar, alcançar a felicidade plena, cumprir com os objetivos e metas traçados. O que muda com o passar das décadas e de acordo com cada indivíduo é o que exatamente implica essa ideia de felicidade. Ela pode estar ligada diretamente e unicamente à aquisição de bens materiais como carros, joias, casas, e objetos de luxo, ou então a conquistas mais subjetivas como a realização pessoal através da fama, do casamento, da maternidade, implicando também em questões relacionadas a igualdade social e liberdade de expressão.

Desde os primórdios da chegada ao novo mundo, a busca pela felicidade não foi algo democrático, ou seja, acessível e de direito de todos. A visão que os colonizadores tinham da América como a terra das oportunidades excluía a realidade dos povos originários e ignorava a condição dos africanos escravizados. Ainda ao longo do século XX, outras minorias como os imigrantes, as mulheres e a comunidade LGBTQIAPN+ enfrentaram dificuldades que prejudicavam e até impediam a realização de seus próprios sonhos.

Com a crescente desigualdade social e econômica enfrentada pelos Estados Unidos o sonho americano foi, e ainda é fortemente criticado por ser uma promessa vazia e

---

<sup>8</sup> Em tradução livre: Busca pela Felicidade. É um dos conceitos centrais da filosofia política presentes na Declaração de Independência dos Estados Unidos, que é vista como um direito de cada indivíduo e tem relação com a liberdade de escolha e possibilidade de traçar o próprio caminho para atingir tal ideal.

insustentável, uma mera ilusão. Apesar das contradições sobre o conceito, o “American Dream” ainda segue sendo um dos pilares centrais da cultura e da política estadunidense, reforçando a identidade de nação das oportunidades atribuída ao país e refletindo tanto os anseios quanto as contradições da experiência de vida americana. A ideia de que qualquer pessoa, independentemente de sua origem, pode alcançar sucesso através do trabalho duro e da determinação, permaneceu como um dos pilares da identidade nacional americana.

Esse ideal é muito utilizado em períodos de crise para reforçar o orgulho nacional e unir a nação, e foi perpetuado pela cultura popular, através de filmes, músicas, literatura e discursos políticos, que frequentemente retratam histórias de superação e ascensão social. Em suma, o “American Dream” é um conceito multifacetado que desafia e inspira aqueles que buscam, em uma sociedade complexa, serem felizes e prosperarem em direção a seus objetivos. Ele confere sentido à vida daqueles que se dizem perdidos e sem expectativa, tornando assim, em tese, todos igualmente merecedores.

## 5 NATIONAL ANTHEM: ANÁLISE INTERPRETATIVA

Lançado em 27 de junho de 2012, o videoclipe “National Anthem” acompanha a canção de mesmo nome presente no segundo álbum de Lana Del Rey, intitulado “Born to Die” (2012). O trabalho foi dirigido por Anthony Mandler, renomado fotógrafo e cineasta americano conhecido por seu trabalho cinematográfico e sofisticado no mundo da música, responsável por dirigir outros importantes videoclipes de grandes artistas como “Diamonds” (2012) de Rihanna, “Run This Town” (2009) de Jay-Z e “Belong to the World” (2013) de The Weeknd, entre outros trabalhos de Del Rey como “Ride” (2012) e “Tropico” (2013).

Com os temas centrais do álbum sendo amor, destruição, rebeldia, superficialidade, glamour e a relação entre vida e morte, o single promocional “National Anthem” aborda todas essas questões em sua letra ao falar sobre o materialismo, o poder, a tragédia e o sonho americano. Ao reimaginar a história das relações entre John F. Kennedy, Jacqueline Kennedy e Marilyn Monroe que tomaram lugar nas décadas de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, Anthony Mandler foi capaz de traduzir imagetivamente de maneira certa e singular a letra escrita por Lana.

Ao se casarem, em 1953, Jackie e JFK rapidamente se tornaram um símbolo aclamado de juventude, elegância e sofisticação. Nessa época, Jackie trabalhava como a “Garota da Câmera Investigativa” (*Inquiring Camera Girl*), para o jornal *Washington Times-Herald*, e sua função era percorrer pelas ruas da cidade fotografando pessoas e perguntando a elas suas opiniões sobre os assuntos do momento, o que mais tarde era transformado em colunas para o jornal. Já John trabalhava no congresso e, ao ser eleito senador pelo estado de *Massachusetts*, ganhou ainda mais visibilidade e deu continuidade a sua jornada na carreira política, o que mais tarde o tornaria presidente dos Estados Unidos.

Na mesma época, Marilyn Monroe se consolidava como uma das maiores estrelas de *Hollywood*. No ano de 1953, a atriz atuou em “Niagara”, filme de suspense *noir* dirigido por Henry Hathaway (1898-1985), que em português ganhou o título de “Torrentes de Paixão” e foi a produção responsável por consagrar a artista como o símbolo sexual como é conhecida até os dias atuais. Após esse momento, Monroe passou a ser cada vez mais aclamada e se transformou no que hoje é considerado o símbolo mais icônico da *old-hollywood*, período em que a indústria cinematográfica norte-americana esteve no auge de sua produção e influência global.

A relação entre as personalidades citadas é, de certa maneira, conturbada. O casamento dos Kennedys foi marcado por uma série de especulações sobre a infidelidade de John, que teria tido múltiplas amantes, sendo uma delas Marilyn. Acredita-se que eles mantiveram um relacionamento secreto durante anos, principalmente no período em que John esteve na presidência. Sites apontam que Jackie tinha conhecimento sobre as traições do marido, mas preferiu nunca se pronunciar sobre o assunto na tentativa de evitar polêmicas e manter a imagem íntegra do presidente.

A decadência de Marilyn teve início em 1961, quando a artista passou a enfrentar dificuldades em seus trabalhos devido à falta de compromisso com os contratos e, em 5 de agosto de 1962, com apenas 36 anos, ela faleceu. Embora as especulações de suicídio e assassinato segurem vivas até os dias atuais, a causa oficial da morte divulgada alega uma overdose. Em 22 de novembro de 1963, enquanto fazia campanha para sua reeleição no estado do Texas, o presidente John F. Kennedy foi assassinado com um tiro no pescoço e outro na cabeça, ele tinha 46 anos e era o favorito para a reeleição. Toda a história envolvendo John, Jackie e Marilyn é a explicitação do sonho americano mais compartilhado da época: a busca por fama, poder, riqueza, influência e amor. Ao observarmos o desenrolar do triângulo amoroso, é possível notar também a fragilidade desse sonho, a relação entre vida e morte já comentada anteriormente.

Reinterpretar esse momento da história norte-americana no videoclipe de “National Anthem” foi uma escolha primorosa feita por Anthony e Lana. O projeto é quase como uma sátira que critica fortemente a idealização do sonho americano, ao mesmo tempo em que enaltece e questiona os ícones culturais que o representam. A narrativa mistura a ficção e a realidade ao criar uma releitura dramática e impactante das relações mantidas entre as personagens. Essa maneira de abordar tal história faz com que o videoclipe não seja apenas sobre a divinização de figuras já conhecidas e admiradas pelo público, mas também uma forma de lançar questionamentos sobre a maneira como elas viviam, pensavam e se comportavam, o que as humaniza ainda mais.

Antes de dar início a análise de fato do videoclipe, é importante dizer que estudos diretamente dedicados a “National Anthem” que abordem questões de moda, figurino e comportamento e sua relação com a história estadunidense são escassos, o que transporta a presente pesquisa para um campo ensaístico e particular. A intenção do texto é exemplificar a importância do saber ler e interpretar imagens, imprescindível em qualquer esfera do mundo

da moda, e como o conhecimento desse saber amplia as possibilidades de observação e compreensão daquilo que é analisado.

## 5.1 O PLANO NARRATIVO

Em “National Anthem”, a distribuição do saber que confere sentido a história acontece de forma não linear, ou seja, a narrativa viaja pelo tempo e nos mostra diferentes momentos vivenciados pelas personagens, através da mistura de cenas que representam tanto a vida pública quanto a vida privada delas. Tal maneira de construir a narrativa permite que a obra explore as contradições da história e a complexidade dos eventos que fazem parte dela. Anthony Mandler, diretor do videoclipe, junto de Heather Heller e Ben Pugh, produtores da obra, fazem o uso de ferramentas do cinema como, por exemplo, *flashbacks*, *close-ups* e planos abertos para melhor figurar os sentimentos e sensações que a relação entre canção e narrativa imagética despertam no espectador.

A fragmentação da narrativa evoca uma sensação de desorientação, o que reflete o próprio caráter ilusório, efêmero e frágil do sonho americano. Essa visão permite uma abordagem mais ampla e multifacetada da história e convida o interator a montar o quebra-cabeça que compõe o videoclipe, a fim de interpretar de maneira própria as cenas e a forma como elas se conectam. Tal modo de compor a narrativa também permite diferentes formas de interpretação do mesmo enredo, o que, como já dito anteriormente, é uma característica notória dos videoclipes desconstrutores.

A produção desbrava a dicotomia entre a vida pública e a vida privada das personagens. As cenas iniciais retratam Marilyn, JFK e Jackie como ícones fortes de poder e glamour, os ideais do sonho americano das décadas de 1950 e 1960. Com o decorrer do clipe, somos apresentados a momentos íntimos da vida das personagens, que nos revelam seus anseios, conflitos e vulnerabilidades. Ao retratar a vida privada das personagens, o videoclipe faz uma crítica à obsessão da sociedade por figuras públicas idealizadas, que em sua maioria encenam na frente das multidões uma vida que não corresponde à realidade.

O clipe inicia com uma cena de *flashback*, ferramenta utilizada para figurar a volta ao passado dentro da narrativa. A cena em questão faz referência ao evento que aconteceu em 19 de maio de 1962, no *Madison Square Garden*, em Nova Iorque, em comemoração aos 45 anos do presidente. O evento foi marcado pela performance icônica de Marilyn Monroe que, usando um vestido no tom de sua pele coberto por cristais que a fazia parecer estar nua,

cantou “Happy Birthday, Mr. President” de uma maneira ofegante e sexy, o que fomentou as especulações sobre o caso amoroso entre os dois. A imagem provocativa de Marilyn com o casaco branco de pele e o vestido de cristais, junto da maneira que a artista performou a canção, reforçam a sua imagem como símbolo de glamour e desejo sexual, da *femme fatale*<sup>9</sup>.

As cenas iniciais são em preto e branco, o que reforça a ideia de um momento no passado. O uso de planos *close-ups* para mostrar Lana como Marilyn e A\$AP como John, figuram o caráter intimista da narrativa e da relação entre os dois, já que se trata do enquadramento utilizado para capturar um objeto ou uma personagem de forma mais próxima, na intenção de destacar detalhes e emoções. Esse tipo de enquadramento também é usado diversas vezes ao longo do videoclipe para evidenciar a conexão e dar ênfase aos sentimentos entre Jackie e o marido. Em contrapartida, o uso de planos abertos em cenas que retratam as festas luxuosas e os momentos de lazer da família, geram a ideia de opulência e grandiosidade.

A escolha de A\$AP Rocky - um homem negro, rapper, compositor e produtor afro-americano - para interpretar John F. Kennedy não foi meramente estilística. O presidente governou durante um dos momentos mais cruciais da história do *Apartheid*<sup>10</sup>, sendo um dos primeiros líderes ocidentais a declarar publicamente sua oposição ao regime. Apesar de pecar em ações práticas contra o regime, devido ao contexto da Guerra Fria (1947-1991), o posicionamento de JFK colocou a pauta da segregação racial na agenda mundial e influenciou diversos movimentos civis.

Essa escolha, junto da imagem da família presidencial miscigenada, numa época com tal contexto sócio-político, implica em questões modernas sobre raça, cultura, poder e suas interrelações, além de questionar as representações amplamente difundidas do sonho americano. A mistura de elementos do hip-hop e da política norte-americana representa que a soberania transcende as questões de raça e classe social, que aqueles segregados e inferiorizados também têm o direito e são capazes de ocupar posições de poder e influência tão importantes, como o cargo da presidência de uma das nações mais fortes do mundo, criticando assim à exclusão histórica de pessoas negras em posições de poder.

Ao interpretar ambas as personagens principais da narrativa, Lana lança debates sobre a dualidade da mulher estadunidense e suas relações com o *american dream*. De um lado, representada pela personagem de Marilyn, temos a *femme fatale*, o símbolo de sensualidade e

<sup>9</sup> Traduzido do francês, o termo significa “mulher fatal” e faz referência a um arquétipo de mulher sedutora, perigosa e misteriosa, capaz de manipular os homens através de sua inteligência e beleza, levando-os ao declínio.

<sup>10</sup> Política de segregação racial, adotada pela República Sul-Africana de 1948 a 1995, a qual objetivava o predomínio pleno dos brancos.

glamour exacerbado, postura também associada a ideia de promiscuidade. Do outro lado, com Jackie, temos a imagem da primeira-dama elegante, sofisticada, submissa e recatada, que se dedica ao marido e à família. Essas representações refletem o modo como as mulheres são constantemente resumidas a estereótipos dentro da cultura popular, criticam a objetificação de corpos femininos e refletem as expectativas sociais sobre essas personalidades, sugerindo que ambas as personagens vão além de suas imagens públicas e possuem outras camadas de complexidade. A representação do assassinato do presidente fecha o videoclipe ao figurar a fragilidade do sonho americano e humanizar a figura idealizada e glamourizada de John.

### **5.1.1 A construção estética do vídeo**

Em “National Anthem”, a construção estética da narrativa é carinhosamente planejada para ilustrar a canção ao evocar a era dourada de Hollywood e o período em que JFK esteve na presidência, enquanto critica as contradições do sonho americano, do culto às celebridades e da cultura materialista norte-americana (Figura 04). O primeiro ponto que pode ser facilmente observado em relação à estética da produção é o formato da filmagem utilizado em todo o videoclipe: o estilo chamado 3x4.

O termo “3x4” permite duas maneiras principais de ser interpretado: ele pode se referir a dimensão, sendo uma proporção mais verticalizada, um formato mais “quadrado” em relação às dimensões utilizadas no cinema moderno, que era muito utilizado nas produções do cinema clássico. Tal formato também aparece em dispositivos de filmagem específicos, como nas câmeras analógicas não profissionais comercializadas nas décadas de 50 e 60. A outra interpretação do termo faz referência à composição visual, ao estilo de enquadramento onde a cena é dividida em uma grade imaginária de 3 colunas e 4 linhas, utilizado para ajudar a organizar os elementos equilibradamente e posicioná-los em pontos específicos.

No videoclipe de “National Anthem” o uso do formato de filmagem 3x4 se dá inicialmente por dois principais motivos: replicar o estilo vintage de filmagem da época em que a história se passa e fazer referência aos vídeos caseiros gravados pela família Kennedy em momentos de suas vidas pessoais, que também foram utilizados como inspiração para a construção do vídeo de Lana. Aliada ao formato da filmagem, a textura granulada e imperfeita das cenas, junto de pequenos desfoques, intensifica a sensação de estarmos assistindo a uma gravação antiga, um arquivo antes esquecido que agora foi redescoberto. Esses artifícios reforçam a atmosfera melancólica e etérea do videoclipe.

A cena inicial do clipe utiliza uma ferramenta de cor para simbolizar um evento ainda mais no passado dentro da história: o preto e branco. O uso de tal ferramenta cinematográfica transporta o espectador para um passado idealizado que reforça a estética retrô dos trabalhos de Del Rey, ao fazer uma referência direta ao vídeo original da apresentação de Marilyn Monroe no evento do pré-aniversário do presidente Kennedy, em 1962. Além de serem as responsáveis por evocar a sensação de transformação na narrativa - já que as cenas a seguir, que representam o presidente e sua família, são coloridas - as ferramentas de cores representam a mudança que está ligada a imagem pública e a vida privada das personagens: a divisão entre a persona idealizada e glamourizada do presidente, e a pessoa por trás dessa “máscara”, um homem vulnerável e humano.

Figura 04 - formato, texturas e cores em National Anthem



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Toda a paleta de cores da obra possui um papel substancial na construção da atmosfera da narrativa. Além de contribuírem para o desenvolvimento do sentimento de melancolia, elas auxiliam a história a ser vista como algo onírico e surreal, que existe em um limbo temporal

entre o passado e o presente. As cores também possuem carga simbólica e auxiliam na conferência de significado como, por exemplo, o azul que remete à introspecção, frieza e melancolia, o rosa claro que evoca feminilidade, o amarelo pálido que remete à inocência, fragilidade e decadência, o vermelho para representar o amor e a paixão intensa e o branco que está ligado à pureza, à inocência, ao glamour e à elegância. O uso de azul, vermelho e branco no figurino das personagens também pode ser associado ao simbolismo da bandeira norte-americana, reforçando a presença do sonho americano e do patriotismo na narrativa.

O uso da cor branca (Figura 05) é também uma maneira de destacar as personagens no meio dos ambientes em que as cenas se passam, seja um jantar, uma festa luxuosa, um piquenique em família ou até mesmo um momento de lazer na beira da piscina. Nas cenas em família, a cor está ligada à pureza e à inocência, refletindo o caráter humano e sensível das personagens. Em outros momentos, o branco é usado para tornar a personagem específica que o utiliza no ponto focal da cena: quando usado por John, confere a ele o símbolo de soberania e grandeza, isolando-o dos demais; quando usado por Jackie, admite sentido de glamour e certa parcela de isolamento, que enfatiza a alienação da personagem em relação ao marido. A cor também imprime na narrativa uma estética ligada à ideia de divindade, reforçando a idealização e glamourização da vida e imagem das personagens retratadas.

Figura 05 - o uso da cor branca no figurino de National Anthem



Como comentado anteriormente, a materialidade das imagens de “National Anthem” é composta pela relação entre o formato da filmagem, as texturas e as cores empregadas. Durante toda a extensão do videoclipe é possível identificar o uso da luz difusa, o que gera a sensação no espectador de como se ele assistisse as cenas através de um véu ou uma neblina, como se tudo fosse um sonho. Os tons pastéis e a baixa saturação das cores auxiliam na criação dessa ideia de algo onírico, além de reforçarem a estética vintage da produção. Já os *lens flare*<sup>11</sup> (Figura 06), ao criarem manchas de luz que pairam sobre a tela, intensificam a característica de uma produção antiga, de cenas gravadas há muitos anos, como se um rolo fotográfico fosse encontrado em uma câmera perdida, conferindo assim ainda mais caráter nostálgico à narrativa. Tais manchas e feixes de luz também ajudam na representação de como a sociedade vê essas personagens, que a todo momento são idealizadas e divinizadas.

Figura 06 - *lens flare*



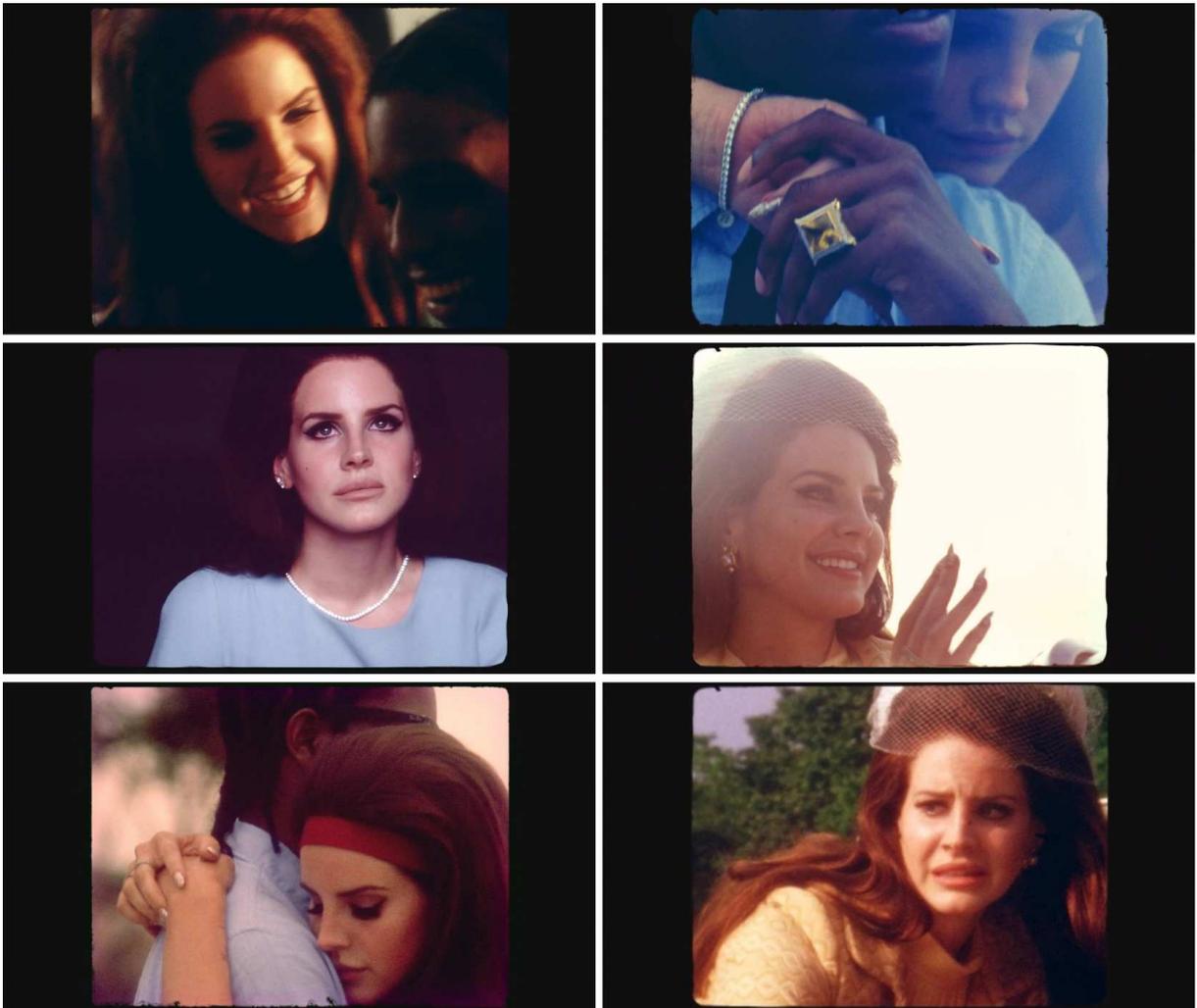
Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Os flashbacks e o emprego da câmera lenta em cenas específicas intensificam e agregam ainda mais profundidade à narrativa, além de estabelecerem a relação entre o passado e o presente que existe dentro da história. Essas ferramentas, junto das cenas em close-up, são utilizadas para representar momentos de carinho entre as personagens e destacar

<sup>11</sup> Reflexo causado na lente da câmera quando uma luz a atinge, o que causa pode gerar círculos e manchas na produção. Pode ser acidentalmente ou propositalmente utilizado de acordo com a estética da obra.

suas emoções (Figura 07), o que auxilia no processo de humanização dessas figuras ao mostrar seus momentos íntimos, de fragilidade e seus anseios. Através dessas cenas é possível perceber, por exemplo, como as emoções de Jackie mudam ao longo da história: percebemos seus momentos de felicidade e alegria através do sorriso, momentos vulneráveis e submissos nas cenas abraçada e no colo do marido, momentos de reflexão com o semblante sério e melancólico, e momentos de fragilidade, como no momento da morte de John.

Figura 07 - destaque das emoções de Jackie

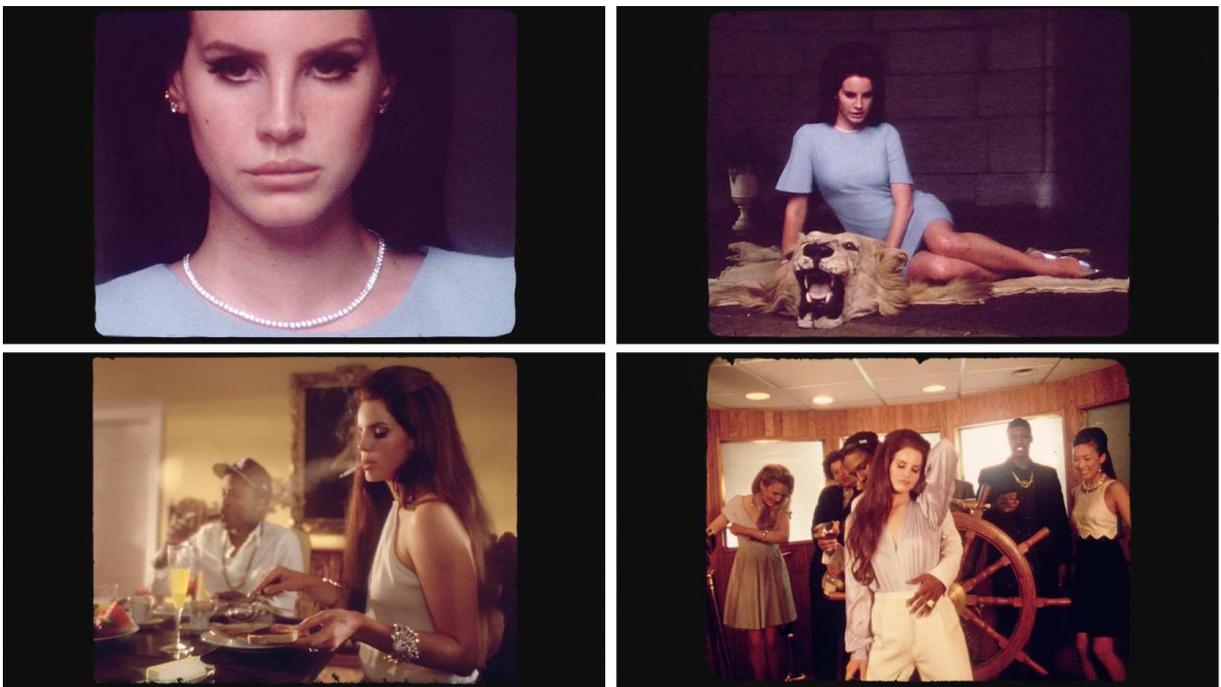


Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Em etapas específicas do videoclipe, é possível perceber como certas cenas se conectam diretamente com a letra da canção o que, como já visto antes, não é uma obrigatoriedade dessas produções, mas ainda assim é uma ferramenta muito utilizada nelas. Um exemplo de um desses momentos é quando Lana canta *“He says to be cool but I don’t know how yet”* e depois *“He said to be cool but I’m already coolest”*: em tradução livre, algo

como “Ele diz para ser legal/descolada, mas eu ainda não sei como” e “Ele disse para ser legal/descolada, mas eu já sou a mais legal/descolada”. A dualidade desses trechos na música é claramente representada pelo comportamento de Lana (Figura 08) nas respectivas cenas do clipe: no primeiro trecho, vemos uma mulher sentada no chão, acanhada, inocente e insegura, agindo de maneira tímida; no segundo trecho temos a mesma mulher, mas agora se comportando com confiança e com postura imponente, fumando um cigarro e dançando de maneira sensual, o que representa a perda da inocência e a rebeldia.

Figura 08 - mudança no comportamento da personagem



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Diversas são as ferramentas e os artifícios utilizados no desenvolvimento do videoclipe de “National Anthem”, produção que vai muito além de um mero complemento visual para a música e assume papel de obra de arte autônoma que proporciona uma experiência emocionalmente imersiva ao espectador. A estética da produção foi cuidadosamente pensada para que a história real da família Kennedy fosse reinterpretada de maneira assertiva e em congruência com o período dos anos 1950 e 1960. A obra é o resultado da combinação de uma homenagem ao cinema clássico e à história norte-americana com a expressão artística singular de Lana Del Rey.

## 5.2 ARTE, FIGURINO E CRÍTICA SOCIAL

O videoclipe de “National Anthem” é uma densa obra de arte cinematográfica rica em simbolismos que permitem múltiplas interpretações. Um dos elementos mais marcantes da produção é o figurino, assinado por Johnny Blueeyes, que é utilizado não apenas como artifício estilístico, mas também é ferramenta crucial para o caráter crítico do clipe. Johnny, que possui outros trabalhos em conjunto com Lana, como o videoclipe de “Ride” (2012) e o curta-metragem “Tropico” (2013), mistura elementos modernos com peças que remetem aos anos de 1950 e 1960 numa fusão entre presente e passado, o que reflete o caráter atemporal da narrativa e evoca a estética vintage e atual da produção. A relação que as figuras representadas possuíam com a moda foi essencial para a montagem dos figurinos. Tanto Marilyn quanto Jacqueline eram conhecidas por serem mulheres muito bem vestidas, sempre portando trabalhos dos melhores costureiros da época e são vistas como ícones da moda até os dias atuais.

Na cena inicial do videoclipe, Lana veste uma versão do vestido que Marilyn usou em sua apresentação no aniversário do presidente Kennedy (Figura 09). A peça original foi criada pelo figurinista francês Jean Louis (1907-1997), conhecido por seus trabalhos em Hollywood, e foi confeccionada em seda semitransparente na cor marfim, com milhares de cristais aplicados e costurados à mão, com uma modelagem justa ao corpo que evidenciava as curvas de Monroe. O tom do tecido se aproximava tão fielmente do tom de pele de Marilyn que, ao subir ao palco sob a luz dos holofotes, criou-se naqueles presentes por um breve momento, a impressão de que a artista estava nua com os cristais aplicados diretamente sobre o corpo.

A peça em questão simboliza exatamente a persona de Marilyn Monroe e sua posição dentro do mundo do cinema clássico. A cor marfim e o uso da seda conferem elegância e sofisticação à peça, enquanto a modelagem justa ao corpo e os decotes reforçam o *sex-appeal* da artista e os cristais intensificam o glamour, colocando a atriz em destaque. O vestido é perverso e provocativo ao mesmo tempo em que é elegante e refinado, assim como a imagem criada por Monroe e, em especial, assim como foi a performance dela em homenagem a John. A peça incitadora e a aparência sedutora de Marilyn contrastam com sua maneira, à primeira vista, inocente e ingênua de se comportar em cima do palco, o que evidencia a questão da dualidade do feminino e como essa mulher é vista: ao mesmo tempo em que ela exprime sensualidade, glamour e poder, ela também é objetificada e colocada em posição de vulnerabilidade.

Figura 09 - o vestido usado por Marilyn Monroe



Fonte: Do autor, 2025. Imagens capturadas da internet.

O vestido criado por Johnny para o videoclipe segue os mesmos moldes do criado por Jean, em 1962, evocando tudo o que a peça original provocou na época (Figura 10). Lana não só veste a “mesma” roupa que Marilyn, como também se comporta da mesma forma que a atriz: a maneira de andar leve, o olhar inocente, a respiração ofegante entre os versos da canção e etc.; recriando a apresentação com maestria e servindo como exemplo primoroso para a importância da relação entre figurino e desenvolvimento de personagem. Naquele momento, Lana Del Rey *era* Marilyn Monroe.

A decisão de não seguir à risca e fazer pequenas alterações na caracterização de Lana foi proposital. A inocência do cabelo loiro, volumoso e curto de Marilyn foi substituída pela imponência dos longos cabelos lisos e morenos de Lana que, assim como os de Monroe, caem sobre o rosto cobrindo parcialmente seu olhar, tornando a figura dessa mulher ainda mais misteriosa e instigante. A maquiagem também não é a mesma: Lana usa um delineado marcado e bem afiado, ponto que reforça a ideia da *femme fatale* e que, em comparação com a

maquiagem usada por Marilyn, que é suave e natural, estabelece a relação entre o clássico e o moderno tão presente na produção.

Figura 10 - comparação entre o clipe e as gravações originais



Fonte: Do autor, 2025. Imagens capturadas da internet.

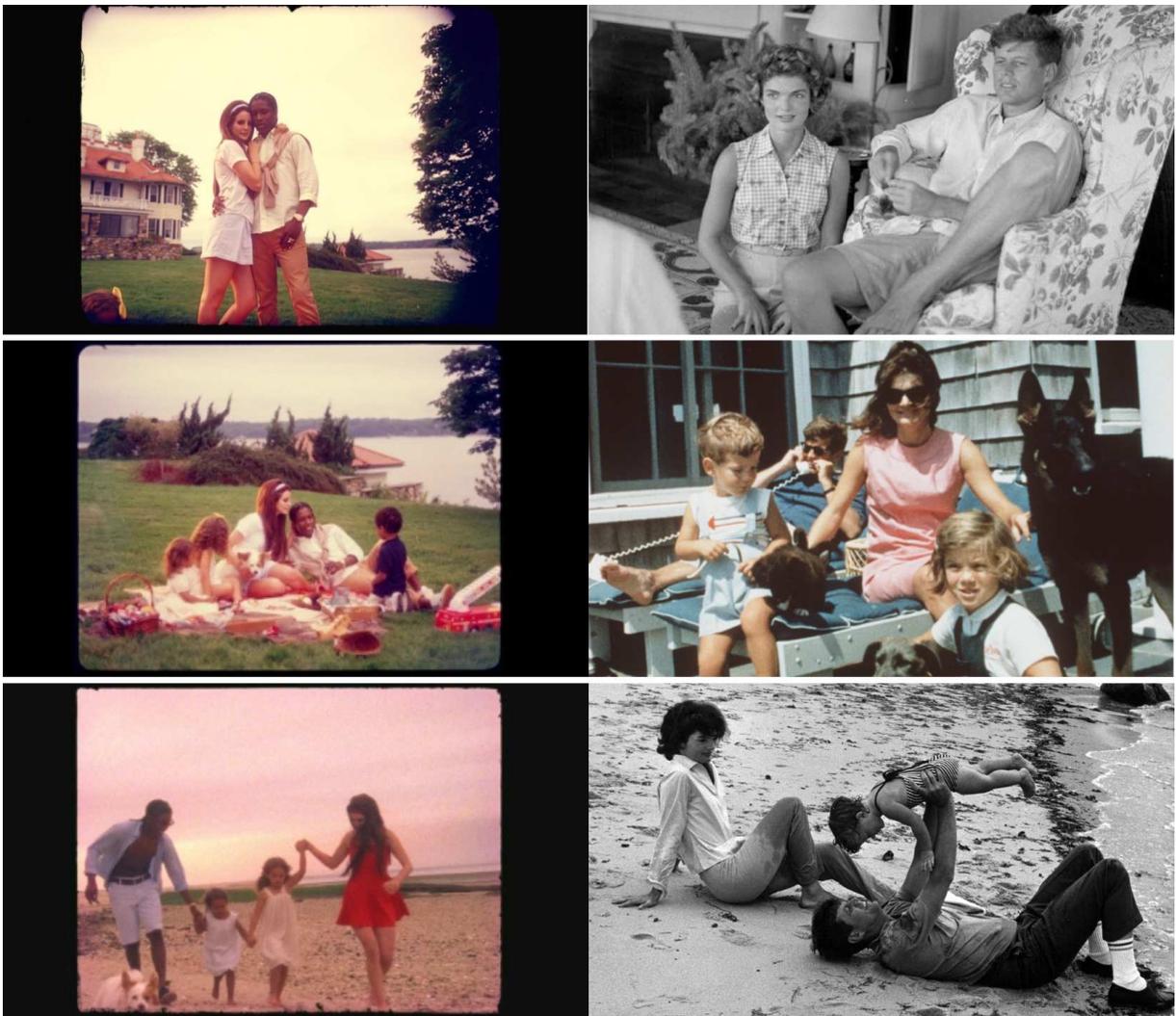
Os figurinos desenvolvidos para a personagem de Jacqueline seguem os usados por ela na vida real, acompanhando a sua trajetória dentro do casamento com o presidente e a sua relação com o ofício de primeira-dama. Nas cenas iniciais, eles evidenciam sua classe e elegância e se comunicam diretamente com o comportamento polido, tímido e minimalista que ela apresentava no início de seu matrimônio com JFK, momento em que ela ainda não era habituada com a vida pública. Em seus momentos íntimos com a família, Jackie veste trajes simples e sofisticados, com linhas retas e modelagens modestas, feitos em tecidos que proporcionam um caimento impecável, com cores sóbrias e elegantes, como o branco, o azul-claro e o vermelho, que reforçam o seu caráter de pureza e sofisticação.

Os trajes de cena utilizados por A\$AP ao se caracterizar como John seguem a mesma fidelidade à realidade observada nos de Jackie. Quando em família, o presidente veste trajes despojados que combinam camisas sociais e do estilo polo, com bermudas de comprimento na altura dos joelhos e calças compridas, tudo feito em modelagem simples e elegante, com linhas limpas e caimento certo. Os tecidos sempre em cores sóbrias como o branco, o bege,

o azul-claro e o marrom, evidenciam a elegância, poder e autoridade da figura do presidente, enquanto evocam a imagem de um líder jovem, carismático e moderno.

O comportamento despreocupado de A\$AP imita o de John e auxilia na criação de uma persona simples e bem-humorada, aproximando essa imagem do público, gerando sentimento de identificação e equilibrando a formalidade da vida presidencial com a acessibilidade aos momentos íntimos e de lazer da família. Nesses momentos (Figura 11), os figurinos das personagens evidenciam a problemática da idealização dessas figuras através da ideia de que a imagem pública é uma construção cuidadosamente elaborada.

Figura 11 - videoclipe em comparação com cenas reais da família

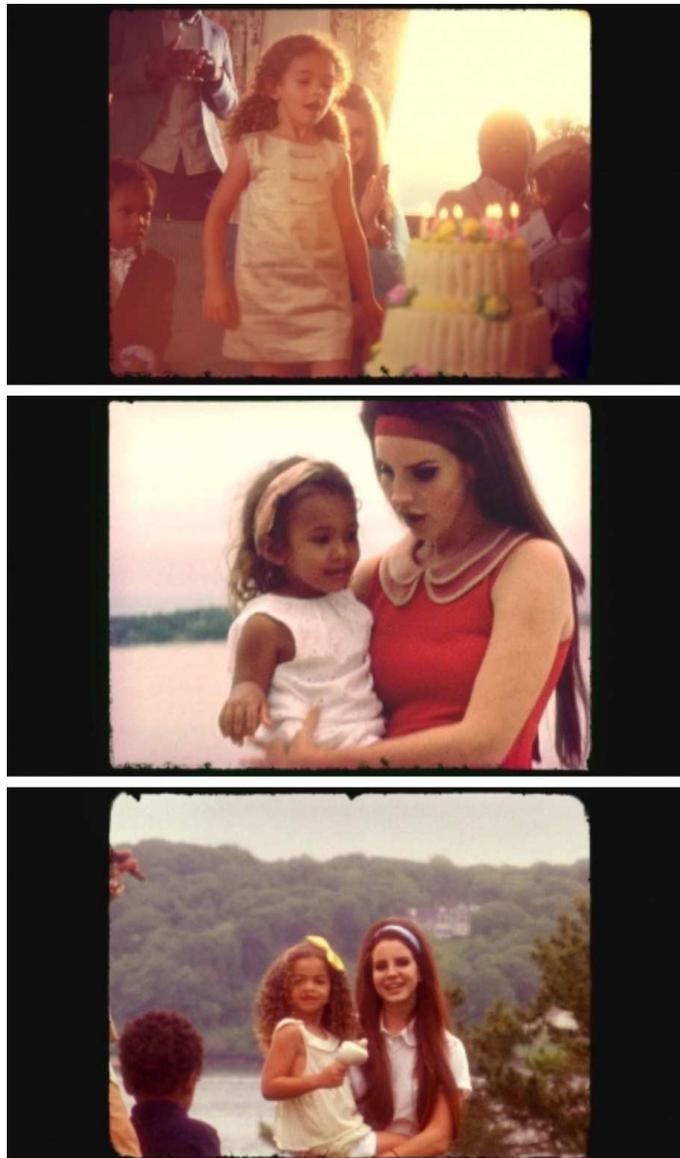


Fonte: Do autor, 2025. Imagens capturadas da internet.

Os figurinos dos atores mirins (Figura 12) que participaram do videoclipe também desempenham papéis interessantes. As cores utilizadas são, em sua maioria, tons claros e suaves como o rosa, o branco, o amarelo-pálido e o azul claro, evocando sempre a ideia de

inocência e pureza dessas figuras, trazendo leveza para a narrativa, o que contrasta com o fato de a obra abordar temas tão carregados como a tragédia do assassinato e a infidelidade matrimonial. Modelagens clássicas como os vestidos bufantes feitos em algodão, as camisas polo e os shorts com corte reto reforçam a estética retrô criando uma atmosfera nostálgica ao recordar o estilo infantil *mid-century*. As crianças, assim como os pais, estão sempre bem vestidas, independente da ocasião: seja uma festa de aniversário, um piquenique em família ou um passeio na praia, desde os vestidos, os acessórios até os calçados explicitam a elegância e a classe dessa família idealizada, enquanto reforçam o pensamento sobre a maneira cautelosa que suas imagens são construídas.

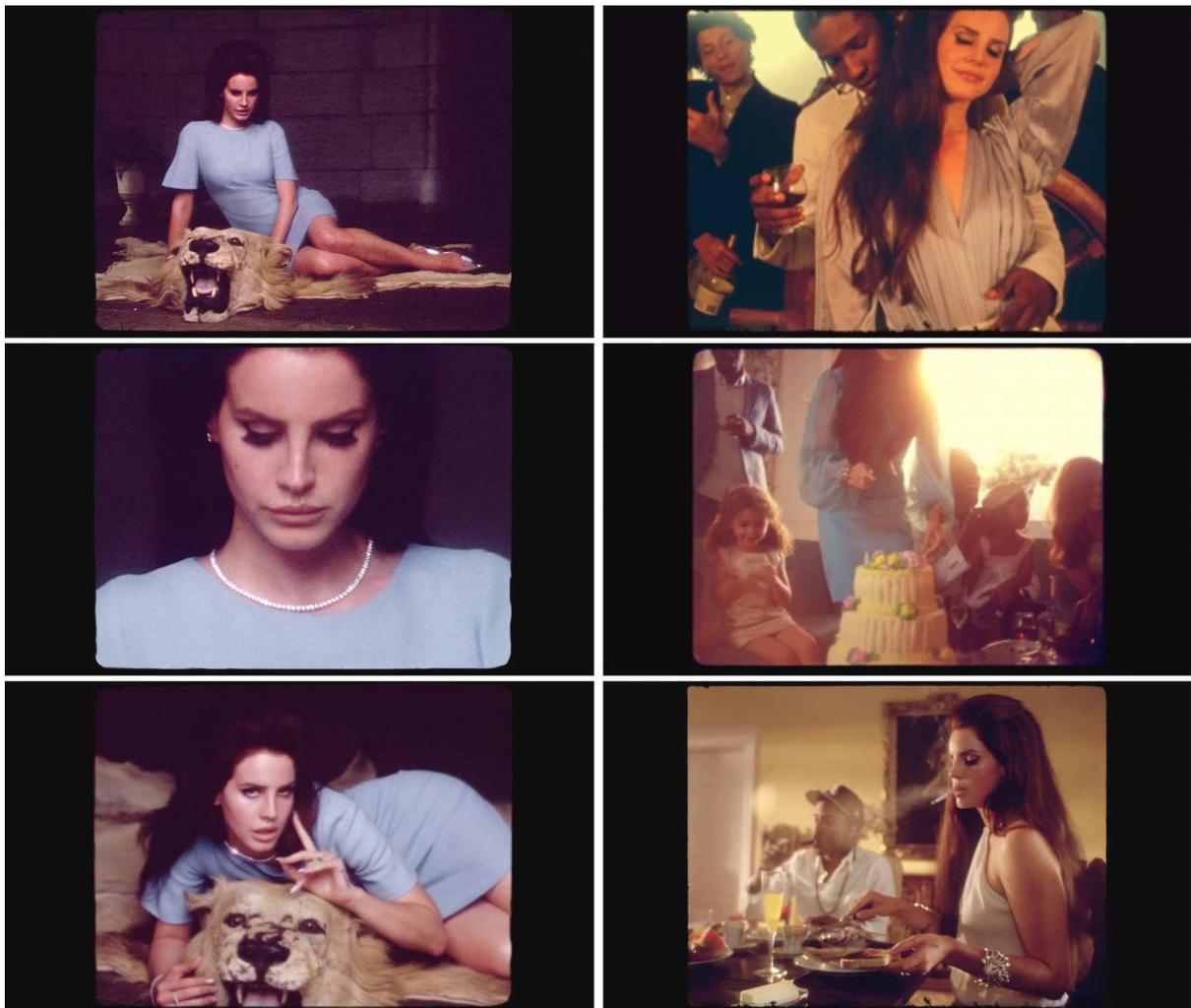
Figura 12 – figurino infantil



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Os trajes de Jackie ainda servem como ferramenta de denúncia da sua perda de inocência ao decorrer de seu casamento com o presidente e a maneira como a primeira dama é “corrompida” pelo ideal de sonho americano. Essa mulher que antes se comportava de maneira acanhada, tímida e curiosa (Figura 13), usava um vestido sobriamente construído sobre um tecido firme de cor azul bebê que, apesar de seu comprimento curto – acima do joelho – que sugere certa perversidade, não possui decotes e reforça a elegância e o recato dessa figura. Com o passar do tempo o comportamento de Jacqueline muda e ela passa a ser uma mulher confiante e autêntica, encantada pela vida de luxo, poder e fama, “rendida” ao *american dream*, o que reflete em seu figurino através de tecidos mais leves, com modelagens fluídas e justas que demarcam os volumes do corpo, além de decotes que revelam seu caráter sensual e confirmam a perversidade antes suavemente incitada.

Figura 13 – comparativo figurinos de Jackie



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Enquanto cenas em que são representadas exclusivamente as figuras de John e Jacqueline, vale enfatizar algumas em específico que apresentam um interessante jogo de metáforas através das cores. Em tais cenas (Figura 14), o presidente veste uma camisa social de maneira despojada, totalmente desabotoada, construída em tecido leve num tom de azul embranquecido, já quase sem cor. Sua esposa o acompanha vestindo um vestido *mini* de saia levemente rodada, feito em tecido mais firme e encorpado, num tom de vermelho sangue, vibrante e quente que, apesar de não possuir decote, deixa seus braços totalmente a mostra, trazendo um caráter intimista.

Esse conjunto de símbolos, atrelado ao comportamento das personagens nas devidas cenas, representa a introspectividade, a frieza, o distanciamento e o calculismo de John dentro de seu matrimônio, um homem que não demonstra tantos sentimentos e evita mostrar-se vulnerável, afim de manter sua imagem autoritária e de poder. Do outro lado, Jackie representa a figura da esposa totalmente apaixonada e entregue ao seu relacionamento, à mercê do marido e fascinada por seu cônjuge, com demonstrações de carinho e afeto constantes, evidenciando o sentimentalismo e a vulnerabilidade da figurinha feminina ligada ao sonho americano.

Figura 14 – a metáfora em azul e vermelho



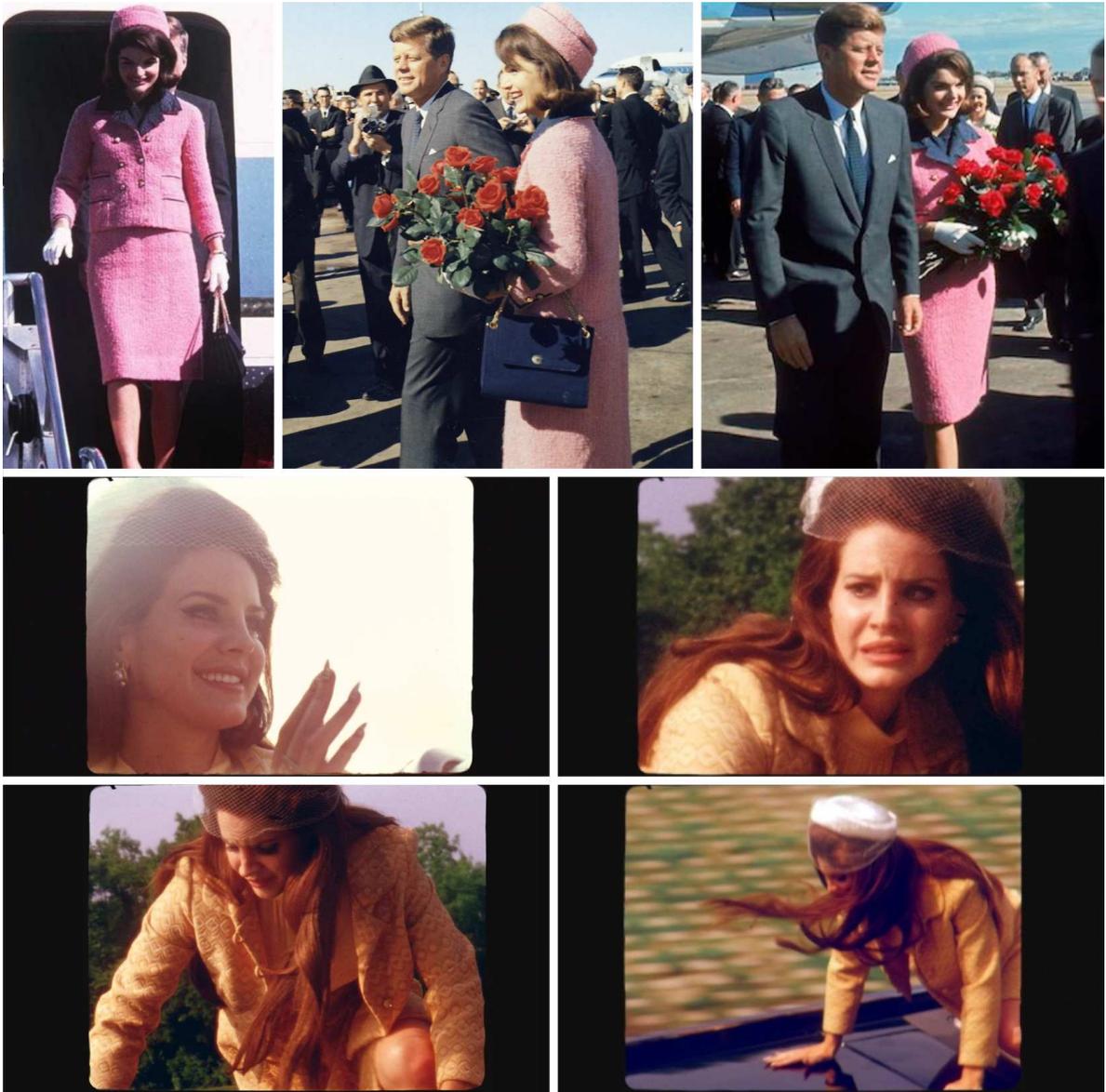
No que pode ser considerado o momento mais tenso da narrativa (Figura 15), que toma lugar nos minutos finais da produção, o figurino que Lana Del Rey porta durante a cena do assassinato do presidente é, de certa maneira, intrigante. O traje de cena recria o *tailleur* rosa assinado pela *maison* francesa Chanel, da coleção de Outono/Inverno de 1961, usado por Jackie no momento real do tiroteio, porém com algumas alterações: no clipe, o conjunto é uma mistura interessante de amarelo e dourado, o que faz referência direta a época em que a história se passa e ao cinema clássico da *old-hollywood*, além de, mais uma vez, evidenciar o glamour e a sofisticação da personagem. A jaqueta é ajustada ao corpo e a saia, que se estende até um pouco acima do joelho, é construída a partir de uma modelagem reta e simples. Os detalhes das peças são minimalistas e elegantes, conferindo a imagem da primeira dama sutileza, elegância e um toque de modernidade.

Em comparação com os figurinos usados por Jackie em seus momentos íntimos com a família, o *tailleur* que aparece no videoclipe evidencia a questão já anteriormente comentada sobre a maneira que a imagem e aparência dessas personalidades são meticulosamente construídas e pensadas para que apenas o que se deseje seja comunicado ao público, através dos símbolos e características carregadas pelo traje. Naquele momento o que se desejava comunicar e imprimir era a imagem de uma primeira dama sóbria, modesta, carismática, elegante, sofisticada e esperançosa, que faz o seu papel de esposa ao apoiar e encorajar o marido, enquanto também cuida dos filhos e zela pelo lar de sua família. Como se pode notar, a figura descrita se enquadra fielmente ao perfil de mulher que a cultura norte-americana da década de 1960 e os fiéis do *american dream* propagavam como ideal.

As diferenças sutis entre a peça real e a utilizada no videoclipe estão, mais uma vez, atreladas as relações de passado e presente, clássico e moderno que podem ser amplamente observadas na narrativa. Essas ferramentas auxiliam a posicionar a obra como uma crítica não só ao passado e ao culto dessas figuras, mas também à maneira como os ideais e conceitos ultrapassados por elas defendidos e propagados ainda seguem vigentes nos dias atuais, causando um jogo com a temporalidade dessa história e evidenciando a forma como crenças e discursos perpetuam através das gerações.

Em relação ao figurino de John, o que prevalece é o terno, sempre reforçando a ideia dessa figura de poder e sobriedade. O que confere a autenticidade da figura criada no videoclipe são os acessórios, que serão comentados mais cuidadosamente no próximo capítulo.

Figura 15 – o tailleur de Jacqueline Kennedy



Fonte: Do autor, 2025. Imagens capturadas da internet.

Essa breve análise evidencia o carinho e atenção dedicados aos figurinos de “National Anthem”, enquanto reforça o caráter de instrumento comunicador e criador de sentido desempenhados pelo traje de cena, administrados por profissionais que dominam tal fazer. A capacidade de interpretação imagética do interator é colocada a prova com a obra, fortalecendo a ideia do figurino enquanto linguagem e o seu papel de alicerce no fazer relacionado ao desenvolvimento de personagem, evidenciando ainda a importância do repertório cultural que uma interpretação como essa requer.

### 5.2.1 Vestindo a personagem: trajes e acessórios

Assim como os vestíveis utilizados na construção do figurino de “National Anthem”, os diversos acessórios portados pelas personagens ao longo de toda a produção são mais uma das ferramentas que auxiliam na criação estética da narrativa. Tais componentes também possuem o seu fator de objetos comunicadores e atribuidores de sentido, cooperando no posicionamento da história como uma narrativa clássica, que reinterpreta momentos importantes da história norte-americana, mas, ao mesmo tempo moderna, conferindo a ideia de que as questões e as problemáticas representadas ainda são atuais.

Ao observar a figura de John (Figura 16), é possível identificar o uso de bonés e óculos escuros em diferentes momentos do vídeo, elementos que auxiliam na explicitação do caráter moderno da narrativa enquanto reforçam, de uma maneira atualizada, a característica que JFK carregava de ser um líder jovem, despreocupado, simples e contemporâneo. Os bonés também são fortemente atrelados ao mundo do hip-hop, como é possível observar na própria imagem de A\$AP enquanto artista, o que reforça o cruzamento de culturas e as questões socio-raciais da obra. Ainda sobre os óculos escuros, no vídeo geralmente usados em momentos públicos, é possível identificar o caráter misterioso que eles imprimem na imagem do presidente, como se esse homem não permitisse que olhássemos diretamente em seus olhos, impedindo que a sua verdade seja vista.

Figura 16 – os bonés e óculos de John



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Outras espécies de acessórios que podem ser observados na produção são os charutos e cigarros (Figura 17). Essas peças recriam a questão de o tabagismo ser amplamente difundido e praticado na época, enquanto atribuem características às personagens e auxiliam no desenvolvimento estético da narrativa. Os charutos de John são frequentemente associados à elite e reforçam a imagem masculina de poder, autoridade e controle. Os cigarros de Jacqueline, que na época eram associados à sofisticação e ao estilo, simbolizam o glamour, a rebeldia e a fragilidade. Essas peças aparecem como símbolos de decadência e vulnerabilidade ao evocarem o caráter efêmero, enquanto denunciam a superficialidade auto destrutora da vida regida pelo materialismo.

Figura 17 – charutos e cigarros



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

A opulência da vida propagada pelo ideal de sonho americano é também explicitada através das joias usadas pelas personagens (Figura 18). Sejam no formato de brincos, colares, anéis ou braceletes, os brilhantes e as pérolas são quase que uma regra para o figurino de Jackie e participam na construção dessa imagem luxuosa, abastada e elegante da primeira dama. As faixas no cabelo contrastam com essa figura e criam uma sensação de inocência e fragilidade, evocando assim, mais uma vez, a questão da construção de imagem e a dualidade dessa mulher, que performa diferentes papéis.

Reforçando o caráter moderno da representação do presidente na narrativa, os seus relógios, anéis, correntes e pulseiras também fazem referência ao estilo de vida luxuoso e materialista da família, enquanto reforçam os símbolos de poder, autoridade e controle observados em John. Os acessórios, em sua maioria feitos em ouro, são robustos com pedras grandes e personalidade forte, o que referencia diretamente a grandiosidade e exclusividade dessa imagem construída do presidente. Essas representações vão além de apenas, novamente, evocarem elegância, sofisticação e glamour, elas denunciam o caráter ostentatório, superficial

e materialista atrelado ao pensamento do sonho americano enquanto evidenciam as problemáticas da desigualdade socioeconômica.

Figura 18 – os acessórios



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

Um ponto simples, mas que vale ser observado com carinho, são as unhas de Jacqueline (Figura 19). Em um elemento tão pequeno, é possível perceber diversas relações e representações abordadas na narrativa. O design é simples e moderno, ao mesmo tempo em que é clássico e atemporal, relações constantemente evidenciadas na obra. As cores são claras e suaves remetendo à personalidade tímida, meiga, simples e polida da primeira dama, enquanto o formato e tamanho das unhas denunciam sua face sensual e provocativa, o que evoca novamente a ideia da *femme fatale* e simboliza a dualidade feminina dessa figura.

Figura 19 – as unhas da primeira dama



Fonte: Do autor, 2025. Imagens capturadas da internet.

Por fim, outros elementos como chapéus e óculos usados por Jackie (Figura 20), ao serem símbolos de status e elegância, auxiliam nessa representação da vida idealizada e perversa da elite, enquanto as faixas e laços na cabeça das filhas cumprem com a parcela de inocência, pureza e sensibilidade, trazendo um certo equilíbrio entre os temas da produção.

Figura 20 – demais acessórios



Fonte: youtube.com, 2025. Imagens capturadas da internet.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o videoclipe de “National Anthem” de Lana Del Rey, explorando as relações entre figurino, moda, cenografia, música e narrativa imagética. A partir desse breve ensaio interpretativo, foi possível evidenciar como o clipe, dirigido por Anthony Mandler, usa a revisitação histórica do período de 1950 e 1960 nos Estados Unidos, reinterpretando símbolos consagrados como John F. Kennedy, Jacqueline Kennedy e Marilyn Monroe, enquanto constrói uma crítica ao sonho americano e explicita suas contradições.

A pesquisa mostrou a importância do figurino na construção das personagens e como eles vão além de simples artifícios estéticos que refletem a aparência da época, demonstrando como moda e figurino assumem papel de linguagem e possuem o poder de comunicar e atribuir significado, auxiliando na construção da narrativa. Junto dessa questão, foi exemplificada a importância de saber ler e interpretar imagens, tanto da parte de quem as desenvolve, quanto da parte de quem as recebe, para que assim seja possível que o fator comunicativo de obras como essa obtenha êxito.

Por fim, o trabalho reforça a importância do videoclipe como um campo artístico híbrido, capaz de relacionar moda, música, cinema, história e diversas outras esferas em uma única narrativa. Ao homenagear o passado, “National Anthem” evidencia que, na realidade, muitas daquelas questões ainda seguem palpáveis nos dias atuais, brincando com a temporalidade do enredo ao misturar o clássico com o moderno e sugerindo que tais questões sejam repensadas e reinterpretadas.

“National Anthem” é uma densa obra que possibilita diversas análises a partir de numerosas abordagens e a presente pesquisa representa uma parcela mínima dessas possíveis interpretações. Ainda assim, o trabalho abre caminho para futuros estudos que explorem a relação entre moda, figurino e narrativa em outras produções audiovisuais além de videoclipes, destacando a importância do repertório cultural na compreensão de obras que vão além do entretenimento e se consolidam como materiais artísticos significativos.

## REFERÊNCIAS

- ADAMS, James. **The Epic of America**. Boston: Little, brown and company, 1931.
- Apartheid** | **Michaelis On-Line**. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/apartheid#:~:tex>>. Acesso em: 13 fev. 2025.
- AUMONT, Jacques. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 2007.
- AUMONT, Jacques e MARIE, Michel. **A análise do filme**. Lisboa: Texto e Grafia, 2010.
- AUMONT, Jacques; MARIE, Michel. **Dicionário Teórico e Crítico de Cinema**. Campinas: Papirus, 2003.
- BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 7ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2018.
- BLUEEYES, Johnny. **Johnny Blueeyes**. Disponível em: <<https://www.johnnyblueeyes.com/>>. Acesso em: 14 fev. 2025.
- CORRÊA, Laura. **Breve história do videoclipe**. Cuiabá: VIII Congresso brasileiro de ciências da comunicação da região centro-oeste, 2007.
- CULLEN, Jim. **The American Dream: a short history of an idea that shaped a nation**. New York: Oxford University Press, 2003
- EWENS, Hannah. **Lana Del Rey: she does it for the girls**. 2023. Disponível em: <<https://www.rollingstone.co.uk/music/features/lanadelrey-she-does-it-for-the-girls-album-27426/>>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- FETVEIT, Arild. Death, beauty, and iconoclastic nostalgia: Precarious aesthetics and Lana Del Rey. **European Journal of Media Studies**. NECSUS, v. 4, n. 2, p. 187–207, setembro, 2015.
- GAGO, José Maria Paz. **Moda & sedução**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.
- JUNIOR, Neurivaldo. Jacques Derrida e a desconstrução: uma introdução. **Revista Encontros de Vista**, UFRPE, v. 5, n. 1, p. 48-59, abril, 2021.
- GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 9ª ed. Campinas: Papirus Editora, 1994.
- IMUSICIAN. **O que é um lançamento em EP, single ou álbum?** Disponível em: <<https://imusician.pro/pt/recursos/blog/o-que-e-ep-single-album>>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- Lana Del Rey Fan**. Disponível em: <<https://www.lanadelreyfan.com/>>. Acesso em: 2 fev. 2025.

**Life of Jacqueline B. Kennedy.** Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/life-of-jacqueline-b-kennedy>>. Acesso em: 11 fev. 2025.

**Like A Prayer - Madonna.** Direção: Mary Lambert. Estados Unidos: Sire Records, 1989. 5:37 min. Videoclipe.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LIRA, Leonardo. **A importância da MTV na sociedade como veículo de comunicação antes da internet.** Disponível em: <<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-importancia-da-mtv-na-sociedade-como-veiculo-de-comunicacao-antes-da-internet.htm>>. Acesso em: 15 set. 2024.

MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica.** 2 ed. Lisboa: Dinalivro, 2005.

MASCARELLO, Fernando. *Film Noir*. In: MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial.** Campinas: Papirus Editora, 2006.

METZ, Christian. **A significação no cinema.** São Paulo: Perspectiva, 2010.

MICHEL, Marie; JULLIER, Laurent. **Lendo as imagens do cinema.** São Paulo: Senac, 2009.

MILLAN, Camilla. **O dia em que Marilyn Monroe cantou “Happy Birthday, Mr President” [FLASHBACK].** Disponível em: <[https://rollingstone.com.br/noticia/o-dia-em-que-marilyn-monroe-cantou-happy-birthday-mr-president-flashback/#google\\_vignette](https://rollingstone.com.br/noticia/o-dia-em-que-marilyn-monroe-cantou-happy-birthday-mr-president-flashback/#google_vignette)>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MIRANDA, Suzana. Música, cinema e a constituição do campo. **Contracampo.** Niterói, v. 23, n. 1, p. 160-170, dezembro, 2011.

MONROE GALLERY of photography. **48 years ago: Marilyn Monroe sings “Happy Birthday” to president John F. Kennedy.** Disponível em: <<https://www.monroegallery.com/news/press/48-years-ago-marilyn-monroe-sings-happy-birthday-to-president-john-f-kennedy>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

MULCAHEY, Matt. **DP Larkin Seiple Breaks Down Every Shot from Childish Gambino’s “This Is America” - Filmmaker Magazine.** 2018. Disponível em: <<https://filmmakermagazine.com/105396-dp-larkin-seiple-breaks-down-every-shot-from-childish-gambinos-this-is-america/>>. Acesso em: 2 fev. 2025.

MUNIZ, Rosane. **Vestindo os nus: o figurino em cena.** Rio de Janeiro: Senac RJ, 2004.

**National Anthem - Lana Del Rey.** Direção: Anthony Mandler. Estados Unidos: Interscope Records. 7:48 min. Videoclipe.

NÖTH, Winfried. **Panorama da semiótica – de Platão a Peirce.** São Paulo: Annablume, 1998.

NÖTH, Winfried; SANTAELLA, Lucia. **Introdução à Semiótica**. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

**November 22, 1963: Death of the President.** Disponível em: <<https://www.jfklibrary.org/learn/about-jfk/jfk-in-history/november-22-1963-death-of-the-president>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

OLIVA, Rodrigo; BIDARRA, José; ARAÚJO, Denize. Vídeo e storytelling num mundo digital: interações e narrativas em videoclipes. **Comunicação e Sociedade**. Lisboa, v. 32, p. 439-457, dezembro, 2017.

PEIRCE, Charles. **Semiótica**. 3ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PERITO, Renata Z.; RECH, Sandra R. **A criação do figurino no teatro**. Colóquio de Moda. Disponível em: <[https://coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT09/POSTER/102328\\_A\\_Criacao\\_do\\_Figurino\\_no\\_Teatro.pdf](https://coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT09/POSTER/102328_A_Criacao_do_Figurino_no_Teatro.pdf)>. Acesso em: 15 set. 2024.

RAPOPORT, Izabel. **Racismo escancarado: O início da Ku Klux Klan**. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-kkk-o-que-significa-ku-klux-klan-eua.phtml>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ROSSINI, Elcio. Cenografia no teatro e nos espaços expositivos: uma abordagem para além da apresentação. **Transinformação**. Campinas, v. 24, n. 3, p. 157-164, novembro, 2012.

SANCHEZ, Mercedes. Desvestindo a fatalidade. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, n. 35, p. 30–54, 29 jul. 2022. Disponível em: <<https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/1549>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

SANTAELLA, Lúcia. A moda como cifra do desejo. In: GAGO, José Maria Paz. **Moda & sedução**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016. p. 09-13.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SOARES, Thiago. **Videoclipe, o elogio da desarmonia**: hibridismo, transtemporalidade e neobarroco em espaços de negociação. Porto Alegre: NP 07 - Comunicação Audiovisual, do IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, 2004.

STEVENS, NJ. **Cronologia da moda**: de Maria Antonieta a Alexander McQueen. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

**This Is America - Childish Gambino**. Direção: Hiro Murai. Estados Unidos: RCA, 2018. 4:05 min. Videoclipe.

VIANA, Fausto. **Campello Neto**: vida e obra. 2006. Tese (Livre Docência) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Acesso em: 28 dez. 2024.

VIANA, Fausto; PEREIRA, Dalmir. **Figurino e cenografia para iniciantes**. São Paulo: Estação das Letras e Cores Editora, 2015.

VIANA, Fausto; VELLOSO, Isabela. **Moda, arte e figurino:** singularidades, problemáticas e encantamentos. 15º Colóquio de Moda.

VIANA, Fausto; VELLOSO, Isabela. **Roland Barthes e o traje de cena.** São Paulo: ECA-USP, 2018.

**Videoclipe.** Michaelis On-Line. Disponível em:  
<<https://michaelis.uol.com.br/palavra/neoaw/videoclipe/>>. Acesso em: 19 ago. 2024

VIEIRA, Dimitri. **O que é storytelling?** O guia para você dominar a arte de contar histórias. Disponível em:  
<<https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-storytelling-guia-para-voce-dominar-a-arte-de-contar-historias/>>. Acesso em: 20 set. 2024